

# Ágalma



**Dulci Braga**

 **Pedro & João**  
editores

# ÁGALMA



Pedro & João  
editores



**Dulci Braga**

# ÁGALMA



**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Dulci Braga**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

Dulci Braga

**Ágalma.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 95p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-1599-0 [Impresso]**

**978-65-265-1633-1 [Digital]**

1. Suspense. 2. Mitologia. 3. Mistério. 4. Grécia. I. Título.

---

CDD – 800

**Capa:** Luidi Belga Ignacio

**Ilustração da capa:** Fê Lima

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Entre os instrumentos, fabricaram em primeiro lugar os olhos,  
portadores da luz...

(Timeu, de Platão)



## **Sumário**

<b>Capítulo I</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo II</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo III</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo IV</b>	<b>35</b>
<b>Capítulo V</b>	<b>41</b>
<b>Capítulo VI</b>	<b>55</b>
<b>Capítulo VII</b>	<b>61</b>
<b>Capítulo VIII</b>	<b>79</b>
<b>Sobre a autora</b>	<b>95</b>



## Capítulo I

Há quase três anos, o mês de março era o mais sagrado para Maria. Ela cancelava todos os seus compromissos e passava os dias cuidando da culpa e da saudade que sentia em relação à sua melhor amiga. A necrópole do Cajú virou um portal de lembranças, pois nela estava sepultada a sua melhor, talvez única, amiga. Sobre o seu jazigo havia um epitáfio que dizia: “Mnemosine, mãe das Musas, que através de Platão, imortalizou a metáfora da cera. Você, Ana, é a cera que ficou impressa na minha alma. Meu amor por você é eterno!”

Quando Maria e Ana estavam perto de completar 30 anos, resolveram comemorar fazendo uma vigem dos sonhos. As duas eram amigas desde o ensino médio, fizeram a Escola de Belas Artes juntas, dividiam a direção de um ateliê e fazia muito tempo que não tiravam férias. Por isso, aproveitariam a data para conhecer o país que era a principal inspiração para as duas: a Grécia. O nome do seu ateliê era “Ateliê Praxíteles”, nome de um grande escultor grego. Já tinham visitado as obras do escultor no Louvre, mas tinham combinado que só iriam à terra natal do artista quando completassem a sua “akmé”, ou seja se tornassem “adultas”, segundo uma antiga tradição helênica.

Sempre provocava risos quando as duas faziam esse comentário, pois na cultura brasileira a maior idade chega aos 21 anos, porém a origem da família de Maria era grega e ela se orgulhava disso — tanto como se orgulhava de sua profissão — por isso repetia sempre que queria lembrar o quanto era boa no que fazia: — Nós os gregos somos os melhores. Até hoje o mundo nos copia! Maria sabia que para os gregos a “akmé”, que ocorria aos trinta anos, marcava a maturidade e o início de uma nova fase, só que definitiva, pois a incerteza da juventude iria ficar para trás. Já Ana também tinha comprado essa ideia, pois as duas, por

coincidência de um destino que as uniu, nasceram no mesmo dia, com uma diferença de três horas. Por isso, nada mais lógico para elas que comemorem juntas.

O que não consideravam era que ninguém foge ao seu destino. Ele alcança a todos independentemente de onde estejam...

Maria e Ana chegaram em Atenas na véspera de seus aniversários: 3 de março. Pegaram um táxi no aeroporto e foram para o Centro. Ficaram em um Hotel perto da estação de metrô *Akropoli*. Dava para ver a lua sobre o Parthenon da janela do seu quarto... quase se ouvia Atená conversando com Selene. Decidiram andar um pouco à noite e foram, junto com alguns outros turistas, jantar no restaurante Dionysos Zonar's — um lugar espetacular, que ficava próximo à Acrópole, proporcionando uma vista fantástica do templo de Atená totalmente iluminado e ainda oferecia uma comida “dos deuses”. Tal visão só fez com que as duas ficassem ainda mais ansiosas para pisarem com seus próprios pés naquele lugar mágico pela manhã.

No dia seguinte, Maria despertou antes de Ana. Olhou a hora no celular e viu que, finalmente, tinha chegado o dia 3/03. Quis acordar antes de Ana para parabenizar a amiga, que tinha nascido às 10h:20. Trocou de roupa rapidamente e desceu para comprar umas flores. Quando chegou, Ana já estava no banho... ao sair, ela se deparou com a amiga escondida atrás de um lindo arranjo de jacintos... Ana colocou as flores em um vaso e tirou da gaveta o presente de Maria, mas disse-lhe: — Só abra na hora exata do seu nascimento. Sei que está curiosa, mas espere... por favor!

Maria, fez um gesto afirmativo com a cabeça e sacudiu os ombros e, como não tinha alternativa, chamou a amiga para tomarem o café: — Vamos, antes que não tenha mais café. Estou morrendo de fome e Atená nos aguarda.

Saíram rindo, ainda encantadas com o jantar, com a música e com o fato de estarem realizando um sonho. Durante o café, Maria tirou da bolsa o presente de Ana: uma pequena caixa azul.

— Não consigo mais esperar... quero ver se você gosta — diz Maria.

Ao abrir a caixa, Ana se depara com um lindo colar dourado escrito seu nome em grego (Ana) e com um pequeno olho grego ao final.

— É maravilhoso! Como não gostar? É lindo! Obrigada, mas o seu você só irá abrir na hora certa.

— Agora você está duplamente protegida — disse Ana — por mim e pelo poderoso olho grego!

Riram, terminaram de tomar o café e foram para o quarto pegar o que faltava para irem visitar a Acrópole.

Maria estava se sentindo esquisita, teve uma leve tontura e associou à emoção. Não contou nada a Ana. Não quis deixá-la preocupada. Podia ser também a temperatura, estava frio para quem mora no Rio de Janeiro, em torno de 17 graus, mas essa era uma temperatura muito indicada para subir a Acrópole, nome que em grego significa “cidade alta”.

Ao passarem pelo pequeno bosque de oliveiras — árvore dedicada à Atená — e pelo teatro de Dioniso, compraram os ingressos e começaram a subir; ao transporem as primeiras colunas, Maria sentiu um calafrio percorrer sua coluna e soltou um pequeno gemido. Ana, sem perceber, estava controlando o horário. O mal-estar de Maria estava piorando, estava com a visão um pouco embasada, com muito enjoo, quando puderam ter em seu campo de visão o Parthenon... Ana deu um grito:

— Agora, Maria, pode abrir seu presente! Feliz aniversário, com as bênçãos de Atená!

Maria retirou da bolsa o pacote, mas no fundo não conseguia tirar os olhos, mesmo que não estivesse enxergando direito, do que estava à frente... abraçou Ana e desmaiou.

Um grupo de turistas correu para ajudar Ana a socorrer sua amiga, levaram Maria para o antigo museu e ali tentaram reanimá-la. Aos poucos ela foi acordando, ainda muito gelada e pálida e sem saber o que tinha ocorrido.

Ana perguntou como estava, agradeceu as pessoas e lhe deu algo para beber. Tinha trazido uma garrafa térmica com café, seu

principal vício, mas que agora iria ajudar. Maria tomou o café, levantou-se devagar e lembrou que era seu aniversário.

— Que droga, mal completo 30 e já começo a apresentar sinais de data de validade vencida!

As duas riram, se abraçaram e Maria abriu, finalmente, o seu presente.

Ana tinha mandado fazer um chaveiro com uma miniatura de prata da primeira estátua que Maria fez e vendeu. Na base da miniatura estava escrito “panta rhei”, que em grego significa “tudo flui”. Sim, tudo fluiu a partir daquele momento: conseguiram montar o ateliê, são reconhecidas em sua área e agora estavam realizando o sonho de estarem juntas na Grécia.

Maria chorou, abraçou a amiga e disse que aquele era um dos dias mais felizes de sua vida. Ainda um pouco tonta começou a andar e a fotografar tudo que via, não só o monumento, mas principalmente alguns bichinhos... já tinha percebido que os cães de rua de Atenas eram belíssimos. Queria levar todos para casa, mas não conseguia nem organizar a sua bagunça, quanto mais cuidar de um cão. Também não acreditava que Dioniso, seu gato, gostaria dessa ideia!

Já estavam prestes a sair da Acrópole, quando, mais uma vez, Maria passou mal. Segurou-se na mureta, viu tudo escurecer e chamou Ana. Quando Ana se aproximava, Maria parecia estar vendo-a com uma tonalidade toda cinza... Ana segurou seu rosto e perguntou: — Maria, está tudo b...

Maria não ouviu mais a voz de Ana, só sentiu o peso do seu corpo caindo sobre seus pés, o barulho da garrafa e o cheiro forte de café. Começou a gritar, pedindo por socorro e prontamente as duas foram auxiliadas por alguns turistas, que pediram ajuda médica. Foram levadas para o hospital em ambulâncias diferentes. Parece que Ana saiu desmaiada, mas Maria, como não estava enxergando direito e estava tonta, não tinha muita noção do ocorrido, esperava que a amiga estivesse bem e que tivesse esclarecimentos ao chegar ao hospital, só agradecia neste momento por ter feito o seguro-viagem.

Maria foi medicada e dormiu, acordou quando já estava anoitecendo e chamou por Ana. A enfermeira, que falava espanhol, perguntou se tinha alguém que pudesse avisar na Grécia. Maria disse que eram turistas e que estavam em férias. Que partiriam amanhã para Santorini e depois visitariam Creta.

A enfermeira perguntou, então, se queria que telefonassem para alguém no Brasil. Maria então suspeitou que algo não estava bem e perguntou:

— O que está acontecendo? Como está Ana? Quando teremos alta?

A enfermeira então disse: — Vou chamar o médico.

O médico chegou, apresentou-se, examinou os olhos de Maria e disse:

— Os seus exames estão todos normais. Peço que procure um oftalmologista e, também, um neurologista para que busquem as causas dessa sua suposta perda de visão. No mais, creio que já pode ir para casa, assim que acertamos alguns papeis.

— Doutor, e minha amiga... ela levou um tombo. Por que não veio me ver? Ela quebrou algo? Onde está? Posso vê-la?

— Como vocês não têm parentes nem conhecidos aqui na Grécia, creio que você terá que resolver tudo sozinha. Gostaria de ser portador de boas notícias, mas não sabemos explicar o que houve com sua amiga... tentamos reanimá-la durante o percurso até o hospital, mas ela já chegou aqui sem vida. Não conseguimos detectar a causa da sua morte como oriunda da queda, ela teve uma parada cardiorrespiratória.

Maria só balançava a cabeça e dizia que isso não podia ser verdade. Ana não pegava nem resfriado, o único vício que tinha era tomar café, como poderia ter enfartado. Impossível... queria ver a amiga.

— Pegue os seus pertences e me acompanhe, por favor — disse o médico.

Enquanto caminhavam para o necrotério, o médico perguntou a Maria sobre a doença de pele de Ana...

— Doença de pele? Ana não tinha nenhuma doença de pele...

Quando estava terminado de falar se deparou com o corpo de Ana coberto. O médico a descobriu e Maria gritou aos prantos.

— O que é isso sobre o corpo dela? O que fizeram com ela?

— Você reconhece a sua amiga?

— Sim, mas parece que ela tomou um banho de gesso, está toda descascando... e esse pó branco. Ela não estava assim... Maria pegou o celular de sua bolsa e mostrou as fotos poucos minutos antes do incidente ocorrer.

O médico disse que já a encontraram assim. Acreditava que ela tinha escorregado no café.

— Não! A garrafa de café caiu depois dela. Ela caiu quando veio me ajudar.

— Infelizmente não temos resposta. Queremos, contudo, saber como irá proceder para sepultá-la. Irá levá-la para o Brasil ou sepultá-la na Grécia? Quer auxílio? Podemos encaminhá-la para o atendimento psicológico e o auxílio do serviço social que irá dizer como deve proceder.

Maria, que não conseguia tirar os olhos da amiga, disse que a levaria de volta para o Brasil. E assim o fez!

Nenhuma resposta... só o silêncio, a ausência, a solidão. Maria não permitiu que fizessem a autópsia. Não queria deixar nenhuma parte de Ana na Grécia...

Uma data que nunca seria esquecida...

Um aniversário comemorado com velas sobre uma lápide...

Há aproximadamente três anos, Maria buscava respostas para o que tinha ocorrido com Ana... três anos pesquisando sobre enfartos fulminantes, doenças hereditárias... e nenhuma resposta convincente.

Até que diante da lápide de Ana, depois de quase três anos, teve uma tontura novamente, perdeu a visão... e desmaiou.

## Capítulo II

Maria nunca se deu bem com Miguel, nem fez questão nenhuma disso. Via no rapaz a quebra do elo que tinha com Ana. Achava que Ana não era a mesma depois que começou a se relacionar com ele... e não era. Ana estava completamente apaixonada por Miguel, e ele por ela. Faziam planos de morarem juntos após a viagem das duas à Grécia. Ana ia contar a Maria quando voltassem... Por isso, Miguel não a perdoava, culpava Maria pela morte de Ana, não falou com ela no sepultamento, nem durante esses quase três anos. Contudo, Miguel não era insensível e, esperando que Maria se afastasse para ir ao túmulo, diante da cena de fragilidade de Maria, socorreu-a.

Ao despertar, Maria lentamente abre os olhos e não reconhece onde está. Miguel a levou a uma das capelas do cemitério, colocou-a em uma cadeira e foi buscar um copo d'água. Ao retornar, vendo Maria se levantar disse:

— Não se levante tão rápido, você pode sentir tonteira e desmaiar novamente.

Maria, a princípio, não reconheceu Miguel. Estava barbudo, parecia mais baixo e mais envelhecido. Mas sua voz soou familiar. Só quando ele se aproximou dela é que pode perceber que ele também sofria, como ela, com a ausência de Ana.

Maria perguntou o que houve, ele disse que estava esperando que ela fosse embora para visitar o túmulo de Ana. Mas ao vê-la cambalear foi ajudá-la.

— Você já está melhor, Maria? Preciso ir.

Maria acenou com a cabeça que sim e agradeceu, mas antes que Miguel saísse entrou o responsável pela administração do cemitério e disse-lhes:

— Que bom que ainda os encontrei aqui, assim não preciso telefonar. Já vai completar três anos que D. Ana foi sepultada.

Precisamos exumar o corpo e saber o que vão fazer com os ossos. Vão querer guardá-los em uma urna ou cremá-los? Podemos marcar a exumação para quando?

Enquanto olhava para os dois com um caderno nas mãos. Maria passou as mãos pelos cabelos, como que ainda desorientada. Então levantou a cabeça e perguntou a Miguel o que achava. Tal gesto o surpreendeu, pois ele foi avisado sobre o sepultamento basicamente quando o mesmo já acontecia. Mas rapidamente respondeu:

— Ana gostaria de ser cremada e que em suas cinzas fosse plantado um jatobá, para que, ao verem o seu crescimento, as pessoas se lembrassem de que podemos ajudar outros seres a viverem e crescerem.

Maria não sabia desse desejo de Ana, e só nesse momento teve a consciência do quanto foi egoísta durante esses quase três anos... de que só tinha pensado nela própria e se esquecido de que Miguel e Ana tiveram uma história juntos.

Maria concordou com a cabeça.

O funcionário perguntou qual seria a data.

Maria, ainda desorientada, disse que Miguel decidia.

— Pode ser agora, então? Se você não se importar — se dirigindo a Maria. Ou precisa completar os três anos. Preciso dar um rumo na minha vida e parar de vir a este lugar quase que diariamente...

Só então Maria percebeu o esforço de Miguel para permanecer no mesmo espaço que ela. Já estava na hora de virar a página desses encontros anuais. Jamais esqueceria de Ana e o que estava naquele cemitério era só parte do que ela foi. A menor parte... e Miguel podia ficar com ela.

— Quando vocês quiserem — respondeu Maria.

O funcionário pediu alguns minutos para tomar as providências e disse que assim que estivesse tudo pronto viria chamá-los, contudo Miguel disse que iria acompanhá-lo e deixou Maria sozinha com suas reflexões.

Maria estava com uma sensação de buraco no estômago, deixar de comer passou a ser uma rotina. Pegou uma barra de cereais da bolsa e comeu na tentativa de amenizar o que sentia. Ainda não tinha entendido a razão de ter se sentido mal. Mas lembrou-se que tinha que agradecer a Miguel por tê-la ajudado.

Eles voltaram com máscaras nas mãos e Maria só ouviu a última pergunta do funcionário:

— Se queriam cremar, por que não fizeram isso há três anos? Teriam poupado tempo e dinheiro

Nesse momento, Miguel só olhou para Maria sem dizer nada e lhe entregou uma máscara.

— Vamos! — disse a Maria.

Seguiam como se estivessem em um novo cortejo fúnebre em direção ao jazigo de Ana. Ao chegarem lá, avistaram outros dois funcionários que já tinham retirado a tampa do jazigo. Colocaram luvas, máscaras, tinham nas mãos dois sacos pretos para pôr os ossos... estavam só nos esperando para finalizar o ritual.

Quando Maria olhou para o Epitáfio sobre o jazigo se deu conta de algo: o jazigo não era perene? Então perguntou ao funcionário:

— Espere um pouco... eu paguei por esse jazigo. Ela não deveria ficar aí para sempre?

O funcionário com o contrato nas mãos respondeu que Maria na verdade alugou por três anos aquele jazigo.

— Senhora, o preço por um cantinho perene é muito caro. O que a senhora pagou não chega nem a 10% do valor do espaço. Acho que a senhora esqueceu de ler o contrato.

Maria ficou sem graça, mas ele tinha razão. Ela estava tão abalada na época que nem sabia o que tinha assinado.

— Podemos continuar? — disse o funcionário.

Os dois disseram que sim.

Retiraram o caixão, abriram a tampa e espantosamente não encontraram os ossos de Ana...

Os funcionários começaram a rir e disseram que tinham feito uma brincadeira de mal gosto, pois tinham roubado os ossos e colocado uma estátua no lugar.

Maria e Miguel se entreolharam e disseram para que parassem de rir, não havia brincadeira nenhuma. Aquele era o corpo de Ana, só não sabiam o que tinha acontecido, parecia uma estátua grega, seu corpo estava rígido e branco, como uma Galateia... mas nenhum Pigmalião era responsável por isso. Maria caiu no choro... Miguel a amparou, pediu que fechassem o caixão e disse que traria alguns colegas especialistas para verificar o que tinha acontecido com o corpo de Ana.

Maria pegou um taxi e deixou tudo por conta de Miguel. Pediu somente que a mantivesse informada. Agradeceu a ajuda e foi embora.

Na manhã seguinte, Maria acordou com o toque do telefone. Ao abrir os olhos, porém, não enxergou nada... isso já estava se tornando rotineiro. Apalpou a mesinha de cabeceira e encontrou o telefone. Conseguiu atender... era Miguel que perguntava se podiam conversar pessoalmente.

— Miguel, não sei o que houve. Perdi a visão novamente. Espero que como da outra vez volte logo. Mas...

Miguel nem deixou que ela terminasse de falar, disse para que ficasse quieta que ele já estava indo à casa dela e os dois iriam ao médico. Maria então lembrou as razões que fizeram Ana se apaixonar tão perdidamente por Miguel... uma delas era o cuidado que ele lhe dedicava.

Enquanto esperava, Maria lembrou de um sonho estranho que teve durante à noite: estava correndo assustada e por todos os lados via estátuas de pessoas que conhecia. Sempre que chegava perto de alguém, esse alguém era uma estátua. De repente levou um susto e acordou. Seu gato, Dioniso, tinha pulado sobre a cama. Maria abriu os olhos e ele a encarou. Dioniso pulou da cama e Maria, quase que instantaneamente, voltou a dormir.

O interfone tocava insistentemente... demorou para que Maria o diferenciasse do som musical de seus sonhos. Ao abrir os olhos

era como se tudo estivesse em meio a uma densa neblina. Em seguida, o celular tocou... era Miguel. Pedi a ele que pegasse a chave reserva com o porteiro, que subiu junto com ele para se precaver, pois, afinal de contas, Miguel era um estranho naquele ambiente. Pergunto-me como eu também me prestei a esse desatino, há anos que não o via e um mero encontro no cemitério fez com que permitisse que entrasse em meu apartamento, como se fôssemos íntimos.

Quando eles entraram, estava sentada na cama. O porteiro me perguntou se estava tudo bem, respondi que iria ficar, agradeci o cuidado e disse-lhe que podia ir, pois agora estava em boas mãos. Pedi desculpas a Miguel pelo incômodo e agradeci a gentileza.

Miguel brincou — Não se preocupe, depois mando a conta... (risos) mas isso não importa. Vamos agora ao hospital ver o que aconteceu com esses olhos. Precisa que faça alguma coisa antes? Ajude-lhe a se vestir, pegue algo?

Disse-lhe que já estava pronta, pois já estava de bermuda e camiseta. Precisava de ajuda para encontrar os tênis, pegar os documentos e ver onde estava Dioniso, meu gato.

Miguel calçou em mim os tênis, pegou minha bolsa, mas disse-me que não encontrou o gato... — Não vi nenhum gato quando cheguei, suas janelas têm telas, não deixamos a porta aberta, então ele deve estar escondido em algum lugar. Coloquei água e ração... quando voltarmos, procuro por ele, se não tiver aparecido.

Já no carro, optamos por ir no dele, Miguel perguntou-me o que tinha acontecido antes de perder a visão.

Respondi: — Não sei o que houve. Estava tendo um sonho muito estranho com minha vó, mas parecia que estávamos na Grécia antiga, tudo era muito confuso, mas fui ficando nervosa com o que ela dizia... não consigo me lembrar o que era, só a sensação. Só me lembro que acordei assustada, e ao abrir os olhos, vi Dioniso deitado sobre mim, olhando-me fixamente... de repente ele pulou e tudo ficou escuro... e o resto você já sabe.

— Será que você está com algo como toxoplasmose?

— Não acredito. Dioniso é completamente saudável, está com todas as vacinas em dia e, se fosse o caso, já teria apresentado outros sintomas. Em todo caso, pedirei um exame específico no hospital. — Senti-me na obrigação de agradecer mais uma vez... e depois uma tristeza invadiu-me e silenciou-me.

Chegamos rápido ao hospital... passei pela enfermagem: pressão boa, sem febre, perguntas rotineiras respondidas... encaminhada para o clínico. A visão voltava aos poucos... em torno de três horas sem enxergar nada e agora isso, borrões dançando diante de mim. Disse o que estava acontecendo ao médico. Ele me perguntou sobre estresse e emoção. Contei-lhe do cemitério e do pesadelo. E ele me encaminhou para um oftalmologista e para um psicólogo, dizendo que minha visão deveria voltar aos poucos, mas tudo indicava que era um problema de fundo emocional. Mas iria, mesmo assim, fazer um exame de sangue para descartar qualquer tipo de infecção.

Além de tudo, agora tinha um descontrole emocional nível “topo do monte Olimpo!” O que mais poderia ocorrer em minha vida, a impressão é que as minhas bases estavam desmoronando... sem família, amiga... visão oscilante. Como trabalharia assim? Dependia da visão para fazer os projetos. Poderia perder os movimentos, que daria as coordenadas para alguém, mas sem a visão, os outros sentidos pareciam inúteis.

Enquanto esperava o resultado do exame de sangue, via o vulto de Miguel andando de um lado para o outro. Falava ao telefone, embora inquieto, falava muito baixo e não conseguia ver sua expressão. Queria saber o que estava acontecendo... devia ser assunto do trabalho, pois devia estar justificando o fato de estar com uma quase desconhecida “louca e cega” no hospital... ele chegou perto com um laudo na mão dizendo que o resultado deu normal e estávamos liberados.

Como notei uma certa inquietação na voz dele, perguntei o que houve e ele me disse que estava tudo bem, que não tinha que me preocupar com nada.

A visão já estava melhor quando chegamos a minha casa. Agradei ao Miguel e pedi um último favor antes de liberá-lo: que procurasse Dioniso. Ele disse que só iria embora depois que me visse comer algo... já eram quase 14 horas e não tinha me visto comer nada. Pedi, então, uma comida, pelo telefone, a um restaurante próximo e enquanto esperávamos foi procurar por Dioniso. Acabei pegando no sono...

Quando a comida chegou, Miguel me acordou e era como se nada tivesse ocorrido, enxergava perfeitamente. Sorri e disse: — voltei a enxergar!

Miguel me deu um abraço e disse: — Que bom! Só não deixe de ir ao especialista, pois não é a primeira vez que isso acontece.

Ele tinha razão. Embora não com frequência, já era a terceira vez que isso ocorria. Mas algo a mais o preocupava. Pedi para ser sincero comigo e ele falou que depois do almoço conversaríamos.

Almoçamos em completo silêncio, que foi quebrado pela minha pergunta: — Você encontrou Dioniso?

Miguel balançou a cabeça e disse-me: — A não ser que ele tenha um bom esconderijo e deteste intrusos, ele desapareceu. A única coisa perto de um gato que encontrei foi uma estátua. Só não sei por que a guarda debaixo da cama, ela é perfeita... acho que deve ser uma homenagem ao seu gato, ou alguma credence oriental.

Maria acabou de mastigar e disse em tom sobressaltado: — Não tenho aqui nenhuma estátua de gato, e não acredito em credences bobas, apenas gosto de mitologia, se é disso que está falando. Cadê a estátua?

Miguel levantou-se, foi em direção à cama, abaixou-se e pegou a estátua. Levantou-a e mostrou-a a Maria. Ela, imediatamente, começou a chorar: — É a cópia do Dioniso, quem fez essa brincadeira de mal gosto? Onde está o meu gato?

Miguel largou a estátua e tentou acalmá-la. Disse-lhe, contudo, que precisava que mantivesse a calma porque tinha um assunto muito delicado para conversar com ela.

Embora Maria estivesse atordoada, desde a morte de sua amiga, Dioniso era o seu único companheiro, pois além dos

contatos de trabalho, vivia quase em total reclusão. Mas, apesar de seus pensamentos conturbado, disse a Miguel que podia falar o que tanto lhe preocupava. Miguel contou que enquanto estava aguardando os resultados dos exames recebeu um telefonema do responsável pela exumação do corpo de Ana. Ele estava muito nervoso, pois acreditava ser vítima de alguma brincadeira, pois o que lhe entregaram para avaliar não era nenhum corpo, mas uma estátua, sem nenhum vestígio humano, nem ossos, nem cabelo, nem pele, só uma espécie de pedra ou argila, não conseguia definir o material, pois não era especialista. Miguel, que falava quase sem respirar, ainda disse: — E agora o seu gato também virou estátua... o que está acontecendo Maria? Estamos enlouquecendo ou você tem algo a ver com isso? Você é único elo entre esses dois casos... por favor, diga alguma coisa que me faça entender o que está acontecendo ou me aponte uma direção a seguir.

Estava muda... na minha mente só ecoava a única palavra que lembrava do sonho com minha vó: maldição!

— Miguel, não tenho uma explicação. Não sei o que está acontecendo e estou tão confusa quanto você. Precisamos procurar um especialista... detetive... polícia... não sei o que dizer ou o que fazer.

Maria sentiu as pernas bambas e sentou-se. Baixou a cabeça e lembrou-se de quando era criança e de sua vó que sempre dizia a mesma coisa quando lhe via triste: “ — Maria, seu destino está em suas mãos, as escolhas são suas, você só tem que saber tomar as decisões certas... mas não fique triste, errar também faz parte do aprendizado!” Ela só não sabia qual foi a escolha errada que a levou a este momento.

Miguel ao ver o estado de Maria e lembrar do que tinha ocorrido com ela durante o dia, pediu desculpas e disse que ela precisava descansar e ele tinha que ir embora resolver pendências no emprego e depois tentaria esclarecer o que ocorreu. Perguntou se podia ligar mais tarde. Maria fez que sim com a cabeça e o levou à porta, em silêncio. Despediu-se com um quase inaudível “obrigada”, fechou a porta assim que ele saiu e desabou a chorar.

Chorou até que pegou no sono e mais uma vez foi visitada em sonhos por sua vó. Só que dessa vez tudo era muito claro, a voz da sua vó, o toque de suas mãos, parecia muito real, e ela lhe disse:

— Maria, chegou a hora de saber quem você é e o que está acontecendo com você. Gostaria que minha mãe tivesse me contado, mas ela morreu muito jovem e não a conheci. Há muito tempo que as mulheres de nossa família, normalmente em gerações alternadas, recebem essa marca. Quando sua mãe engravidou, torci para ser um menino, mas você nasceu e soube desde que a vi pela primeira vez que você era especial. Para que entenda, precisarei recorrer à mitologia que tanto ama.

Maria ouvia em silêncio, quase como se não lhe fosse permitido falar.

— Você lembra de Atená e de seu escudo? De como se sensibilizava com a história da Górgona mortal que teve sua cabeça cortada por Perseu e foi imortalizada como símbolo de proteção por todas as gerações?

— Sim, vovó. Medusa é minha história preferida. Poseidon a seduziu no templo de Atená e por isso ela foi castigada. Não amar... nem ser amada. Só ser temida.

— Mas só parte do mito é conhecida, pois quando Medusa foi morta ela estava grávida e de seu sangue nasceram Pégaso e o dourado Crisaor. Isso é o que Perseu viu, pois ficou tão impressionado com seu “brinquedo alado” e com o poder da cabeça de Medusa, que esqueceu que uma Górgona dá luz a três filhos de uma só vez. O filho do ventre, a parte humana de Medusa nasceu de parto normal, com as convulsões de seu corpo antes da morte, ficou escondida pelo seu corpo, esquecida, fraca... se não fosse uma semideusa não teria sobrevivido. Mas as Moiras não falham, elas também são três, e enviaram as irmãs imortais de Medusa, Esteno e Euríale, para darem o devido sepultamento aos seus restos mortais. Para surpresa delas, encontraram uma menina, a quem se recusaram a dar um nome, para esconder sua existência. Sem um nome era como se não houvesse existido. Por isso, ninguém nunca ouviu essa parte da história.

Suas tias cuidaram dela até que ficasse forte e ao atestarem sua mortalidade, achando que era uma criança normal, a deixaram em um local em que pudesse ser encontrada, adotada e criada como uma simples humana. Assim ocorreu.

— Não estou entendendo, vovó. O que essa história tem a ver comigo e com tudo o que estou passando?

— Calma, você já vai entender... — o telefone toca e Maria desperta do sono procurando por sua vó. Como tinha sido real aquele sono, podia sentir ainda em suas mãos o calor proporcionado pelas mãos da avó. Acreditava ter ficado impressionada com o ocorrido durante o dia, só assim para justificar esse sonho maluco com a história de Medusa. Sua vó sempre a contava... a saudade invadiu seu coração novamente... como o telefone não parava de tocar, ela atendeu. Era Miguel perguntando se podia ir a sua casa para conversarem. Ela disse que sim, que o aguardaria.

Maria se levanta, já estava anoitecendo, tinha dormido demais, mas o que importava era que a visão estava normal. Tomou um banho, trocou de roupa e colocou água no fogo para fazer um macarrão com molho branco, o seu preferido. Não estava acostumada a receber em sua casa e cozinhar só em momentos especiais, mas deu vontade de comer seu macarrão. Arrumou a mesa, com dois pratos, colocou um vinho na geladeira, e a campainha tocou... na hora, pensou. Ao abrir a porta, Maria teve uma surpresa, Miguel estava acompanhado de uma mulher.

— Boa noite, Maria. Desculpe-me por não avisar, mas trouxe uma colega de trabalho, a arqueóloga Adriana, especialista em Grécia antiga, para conversarmos juntos, pensei em pedirmos algo para comer... — Miguel ao falar isso viu que a mesa estava posta.

Maria prontamente respondeu com um sorriso amarelo, estendendo a mão para Adriana:

— Sem problemas, Miguel. Vamos entrar. Prazer Adriana, desculpe-me o mal jeito... Acabei de fazer um macarrão. Se não têm restrições alimentares, acho que podemos comer antes de

conversar, ou conversar enquanto comemos... desculpem, mas estou morrendo de fome. Hoje o dia foi tenso...

— Claro, Maria. Disse Miguel.

— Obrigada, Maria. Desculpe-me chegar assim sem avisar.

Maria colocou mais um prato, talheres e taça à mesa, serviu os convidados e começou a conversar.

— Miguel, quais as novidades? — Disse com voz tensa.

Miguel ergueu os olhos do prato, viu a estátua de Dioniso na escrivaninha e, antes de responder, passou os olhos pelo pequeno apartamento de Maria. Tudo meticulosamente organizado, matematicamente decorado e de extremo bom gosto. Ficou surpreso como duas pessoas tão diferentes podiam ser tão amigas, pois o apartamento de Ana tinha uma desordem notória, que para ela fazia sentido. Tais lembranças fizeram-no sorrir e, ao olhar para o prato, voltar à realidade:

— Maria, o macarrão está delicioso e o vinho é excelente. Obrigado. Mas, você achou o Dioniso?

— Quem é Dioniso? — Perguntou Adriana.

— Meu gato, — respondeu Maria. Não o encontrei Miguel.

— Você se incomodaria se a Adriana desse uma olhada na estátua? Gostaria que ela comparasse o material das duas.

— Você ainda acha que tenho alguma coisa a ver com isso? — Disse Maria a Miguel.

— Claro que não, Maria. Desculpe pelas palavras de mais cedo.

Maria levantou-se, recolheu os pratos, colocou-os na pia e, na volta à sala, trouxe a estátua de Dioniso e a entregou a Adriana.

Adriana pegou um estojo com algumas peças e começou a examinar o pseudo gato. Não pude deixar de me emocionar ao lembrar de Dioniso. O que teria ocorrido com ele. Quem teria feito tamanha atrocidade? Pela manhã iria pedir para ver as filmagens do prédio e verificar quem entrou, saiu do prédio e, possivelmente, invadiu seu apartamento para fazer essa traquinagem. Mas a cópia era perfeita. Essa pessoa devia conhecer muito bem o seu gato. Talvez até morasse no próprio prédio. Talvez estivesse a

observando nesse momento. Maria levantou-se e fechou as cortinas.

Um leve torpor a invadiu quando viu Adriana raspando a estátua, quase podia ouvir o miado nervoso de Dioniso quando não estava satisfeito. Estava muito incomodada com essa situação, mas voltou à realidade quando Adriana disse: — Pronto. Já é material suficiente para a análise. Amanhã terei a resposta sobre a composição da estátua, mas posso adiantar que não é argila, nem gesso, mas algum tipo de pedra. Agora, fiquei intrigada... por que, Maria, deu ao seu gato o nome de Dioniso?

Miguel, adiantando-se, disse: — Tudo na vida dela tem uma referência à Grécia e à sua mitologia. O gato não podia ser diferente.

Maria fez uma careta de reprovação e disse: — Dioniso foi a última divindade grega a fazer parte do panteão... seu culto fazia com que as pessoas demonstrassem quem verdadeiramente eram, pois retiravam suas máscaras sociais. Quando Ana se foi, coloquei uma máscara para continuar sobrevivendo, ao ser encontrada por Dioniso na rua em um dia de chuva, ele me seguiu insistentemente, não consegui deixá-lo sozinho, tão pequenino, à mingua. Trouxe-o para casa, dei banho, catei suas pulgas — uma quantidade tão grande que pensei que o gato estava nelas e não o contrário — e me vi totalmente envolvida e apaixonada por aquele que foi o último a entrar no santuário que se tornou meu coração, tirando todas as minhas máscaras... agora não sei o que fazer sem o meu Deus... essa é a razão do nome.

— Que lindo! — Disse Adriana. — Eu quando penso em Dioniso só consigo pensar em bebida e bacanal.

Todos riram e o ar triste que envolveu o recinto se tornou mais brando.

Conversaram um pouco mais sobre a profissão de Maria e a sua paixão pela Grécia, sobre arqueologia e como os três tinham muitas paixões em comum. Adriana, contudo, olhou para o relógio, já passavam das 22 horas, e disse que precisava ir pois tinha ainda que contar uma história para sua pequena Ester. Um certo conforto

se apossou de Maria ao saber que Adriana tinha uma filha e uma família, sensação que não sabia muito bem precisar a razão, mas que naquele momento fez bem ao seu coração.

Miguel também disse que já ia, pois Maria precisava descansar. Perguntou se ela queria alguma ajuda com a louça na pia, ela disse que não. Então perguntou se ela gostaria de ir com eles na manhã do dia seguinte ao laboratório responsável pela avaliação dos restos mortais de Ana.

— Sim, gostaria. Encontro com vocês lá a que horas?

— Marcamos às 10 horas. Passo o endereço a você por mensagem.

— Estarei lá.

Se despediram e Maria fechou a porta. Que dia! Lavou a louça, tomou outro banho, colocou o celular para carregar e despertar às 8 horas e tomou um remédio para dormir. Não tinha esse hábito, mas não queria ficar remoendo os pensamentos até pegar no sono e como seu organismo não estava acostumada com a medicação, rapidamente dormiu.



## Capítulo III

Maria se levantou assustada com o toque do despertador. Dormiu como uma pedra — expressão inapropriada para a atual conjuntura — mas acordou bem. Tomou uma chuveirada, lavou os cabelos, colocou um jeans e uma blusa estampada amarela, maquiou-se levemente e saiu, preferiu pegar um táxi, pois ainda ficou temerosa com o problema na visão.

Ao chegar ao local indicado por Miguel, foi informada que ele já tinha se dirigido à sala indicada. Ela se encaminhou para lá e de fora da sala já se podia ouvir vozes alteradas.

— O senhor está de brincadeira comigo, se alguma coisa aconteceu foi culpa de vocês. Nós pagamos o sepultamento, a exumação dos ossos e estávamos presentes nos dias em que as duas coisas ocorreram. O que aconteceu entre os dois acontecimentos é culpa de vocês, que têm de nos dar explicações e não o contrário. Essa não é minha noiva, o que vocês fizeram com o corpo dela?

Maria entrou sem ser notada e viu a estátua sobre a mesa. Era Ana... o mesmo rosto de três anos atrás, a mesma roupa que tinha escolhido para seu sepultamento (um vestido grego de um ombro só). Parecia uma ninfa...

Maria tocou a estátua, estranho... não era gelada, estava quentinha, como pele humana... devia ser por causa das luzes... quando se aproximava do rosto, Miguel a chamou:

— Maria, desculpe-me, não tinha visto que já tinha chegado. Precisamos ir à polícia. Já vi que não vamos resolver nada aqui. Adriana já retirou o material que precisava e agora será com a polícia, eles precisam encontrar o corpo da Ana.

— Miguel! Espera... e a estátua. O que vão fazer com a estátua?

— Não sei, Maria. Pouco me importa. Tenho outras preocupações agora, você não?

— Sim, mas quero ficar com a estátua. Só um momento...

Maria se afastou e foi falar com o encarregado, pediu que guardasse a estátua até que voltasse com a liberação da justiça para ficar com a estátua. O encarregado disse que a guardaria por três dias, se ninguém viesse buscá-la ou dissesse o que deveria ser feito, a devolveria para o cemitério.

Fomos à delegacia e prestamos queixa do desaparecimento do corpo de Ana. O delegado disse que ia iniciar uma investigação e pediu que retornássemos daqui a quinze dias para saber como estava andando o caso. Adriana recomendou colocarmos na mão de um advogado e assim o fizemos logo que saímos da delegacia. Adriana foi ao laboratório, precisava analisar as amostras.

Aproveitei a conversa com o advogado para pedir a guarda da estátua durante o processo e, depois, se for o caso, definitivamente. O advogado não acreditava que teria problemas pois eu mesma tinha pagado por todo o sepultamento de Ana, logo tudo que estava no túmulo “me pertencia” e, por isso, entraria com uma petição naquele mesmo dia. Fui para casa e fiquei aguardando ansiosa o telefonema.

Na manhã seguinte o advogado ligou e disse que estava com a liberação em mãos, iria comigo buscar a estátua e fazer valer o preço de seus honorários. Quando estava a caminho, Miguel me ligou e contei-lhe que estava indo buscar a estátua e iria levá-la para o ateliê. Miguel me disse que também tinha novidades, os materiais do gato e da estátua eram compatíveis, os dois eram de calcário. Perguntou-me, como especialista em estátuas, se era comum utilizar calcário em estátuas.

Quase que viajando no tempo, respondi: — No Brasil atual, não. Mas na antiga Grécia ora as estátuas eram feitas de mármore, ora de calcário. — ao avistar o advogado, Maria disse que conversariam depois, pois acabara de chegar.

O coração de Maria parecia que ia saltar pela boca, tamanha a ansiedade. Deixou o advogado resolver tudo. Ligou para uma empresa de transporte confiável e acompanhou todo o processo de transporte, não queria que a estátua de Ana sofresse nenhum arranhão. Despediu-se do advogado e seguiu para o ateliê.

Colocaram a estátua no lugar em que Ana costumava trabalhar, era impressionante a sensação de tê-la novamente no ateliê... paguei os rapazes do transporte e sentei-me. Lembrei-me de quando compramos esse ateliê, o mobiliamos, pensamos juntas nos pequenos detalhes... cada coisa ali lembrava Ana. Quase não conseguia mais trabalhar aqui, levava o que podia para fazer em casa. Basicamente só utilizava o ateliê para atender os clientes... era muito difícil sem Ana, ela tinha jeito com as pessoas, eu prefiro trabalhar com os projetos e com os gatos. Ana era o meu reflexo humano, como Narciso em seu espelho... o reflexo melhorado de mim. Hoje sinto que resgatei um pedaço desse reflexo, como alguém consegue viver sem se enxergar... Narciso cresceu sem se conhecer e isto o levou à morte. Sobrevivi à ausência de mim mesma, mas o melhor de mim morreu com Ana. E agora ela estava de volta, sentia a sua presença na imagem e no calor que imanava desta estátua... estava exausta... precisava de um bom banho, uma boa refeição e uma boa noite de sono. Fui para casa...

Mal abri a porta e lembrei de Dioniso rodopiando entre minhas pernas me dando boas-vindas. Deparei-me com a estátua de Dioniso e só agora refleti no que disse Miguel: calcário. Decidi levá-lo para junto de Ana no ateliê. Que técnica maravilhosa fazer esculturas em pedra, os helenistas eram perfeitos... as estátuas pareciam vivas, como a de Laocoonte e seus filhos<sup>1</sup>.

Nesse momento não queria falar com ninguém, nem com Miguel, por isso desliguei o telefone e fui me deitar. Maria sendo Maria...

Tive um sonho enigmático, um dos muitos que andava tendo... estava tentando salvar Ana que estava presa do outro lado de uma parede de vidro, só que quando olhei em seus olhos, não era mais ela, mas era eu que estava presa na parede de vidro. Quem era

---

<sup>1</sup> Laocoonte era um sacerdote que tentou avisar aos troianos para não aceitar o presente dos gregos (o cavalo de madeira), pois isso traria a destruição de todos. Poseidon enfurecido envia duas serpentes marinhas que matam o sacerdote e seus filhos. A escultura imortaliza esse momento como se fosse uma fotografia em mármore da dor que este momento proporcionou a Laocoonte e a seus filhos.

Narciso agora? Ana ou eu, não sei mais. Ela encostou o rosto no vidro e murmurou: “quebre a maldição. Você precisa nos libertar, quebre a maldição!” Acordei...

Não quis pensar no sonho... não havia nada para pensar. Peguei o telefone e vi que havia inúmeras mensagens de Miguel. Era muito cedo para ligar para ele, devia estar dormindo ainda, pois eram 7 horas da manhã e a última mensagem foi às 2 horas da manhã me perguntando se estava no ateliê.

Arrumei-me e saí, queria estar com Ana. Desta vez levei Dioniso comigo. Quase podia ouvir seu ronronar.

Ao chegar ao ateliê, vi que a porta estava aberta. Será que depois de anos no mesmo local o ateliê foi assaltado? Por que o alarme não tocou? Entrei devagar, tudo parecia estar no lugar, menos a estátua de Ana. Estava no chão, deitada, ao lado de Miguel. Como ele tinha entrado ali... podia ter quebrado a estátua. Comecei a chamá-lo, quase aos gritos. Senti um forte cheiro de bebida... esse Miguel eu ainda não conhecia. Se é que podia dizer que o conhecia. Mas neste momento precisava de explicações.

— Miguel, o que houve? Como entrou aqui?

— Desculpe-me, Ana, não consegui ir com você à Grécia. Se tivesse lá você não teria morrido...

— Miguel, não sou Ana. Sou a Maria. E você está bêbado. Vou fazer um café.

Miguel continuava deitado no chão agarrado à estátua de Ana, murmurando palavras incompreensíveis. Parecia Pigmalião rogando à Afrodite que desse vida a sua Galateia, a mulher criada por ele para ser sua esposa. Pigmalião não encontrou entre as mulheres uma que fosse digna de se tornar sua esposa, e fez uma. Miguel trilhou o caminho inverso, encontrou sua mulher perfeita e agora ela tinha se transformado em uma estátua. Acreditava que tinha uma parcela de culpa... eu também pensava isso sobre mim. Duas pessoas prisioneiras de suas culpas, sem saber como sair do espelho.

Fiz um café bem forte e obriguei-o a tomar. Aos poucos a sua lucidez foi retornando.

Perguntei novamente como ele tinha entrado ali.

— Maria, bebi demais ontem e a única coisa que me movia era encontrar Ana. Sempre carrego comigo — desde que vocês foram à Grécia — a chave do ateliê e o número do alarme. Ana me deu antes de viajarem. Pediu para não deixar as plantas morrerem, e para abrir, sempre que pudesse as janelas para não criar mofo. Você sabe o quanto ela era alérgica. Ao colocar a mão no bolso ontem para pegar a carteira, a chave caiu. Entendi como um sinal e vim para cá. Não me lembro de mais nada, nem de como consegui colocar a estátua aqui. Desculpe-me pela invasão.

Maria ouvia Miguel e olhava ao redor. Tinha deixado as plantas tão queridas de Ana morrerem, não sobrou nenhuma. Em alguns cantos já se via o mofo, tamanho o descuido com o local. Ana enlouqueceria se visse o ateliê assim.

Miguel pediu para ir ao banheiro, apontei o local — como se ele não soubesse onde ficava — e fiquei esperando. Tentei levantar a estátua, mas não consegui. Esperei por ele para tentarmos juntos.

A estátua ainda estava quente, como pele humana saudável. Desta vez, olhei para o rosto de Ana. Queria que me dissesse o porquê de ter partido dessa maneira. Olhei para o contorno do seu rosto, queixo, nariz, olhos... que perfeição! Seus olhos... estou me vendo em seus olhos, como pode ser isso! Ficou tudo escuro e desmaiei.

— Maria, Maria! Acorde! Eu é que fico bêbado e você que dorme, não demorei tanto assim no banheiro.

Olhei de volta para Ana. Alguma coisa estava diferente em seu rosto. Sua expressão parecia diferente. Mas não falei do ocorrido com Miguel. Ele já parecia bastante confuso para complicar mais ainda sua cabeça. Às vezes queremos tanto algo que misturamos realidade e ficção. Acho que era isso o que estava acontecendo. Quanto ao “desmaio”, isso só me lembrou que preciso retornar ao médico.

Uma coisa tinha em comum com Miguel, nós dois amávamos Ana. E isso já era o suficiente para nos preocuparmos um com o outro. Disse que o levaria em casa e depois retornaria ao trabalho. Chamei um táxi, Miguel reclamou da dor de cabeça. Dei a ele um

comprimido e o levei para casa. Esperei que tomasse um banho e lhe preparei um sanduíche. Perguntei se estava bem, ele disse que sim, apesar de estar bastante envergonhado pelo ocorrido. Fui embora, mas disse que ligaria mais tarde. Encontrei mais com Miguel esses dias do que tinha encontrado em três anos.

Estava esgotada. Resolvi ir para casa tomar um banho. O calor infernal do Rio parecia sugar as poucas forças que ainda tinha. Tomei um banho, comi algo, troquei de roupa para voltar ao trabalho, mas recostei a cabeça no sofá e... dormi.

## Capítulo IV

Há um mito grego que diz que o sono e a morte são irmãos. O primeiro alivia os problemas momentaneamente, o segundo definitivamente. Maria queria respostas, e dessa vez sua vó as daria. Em seu sonho sua vó a avisa:

— Maria, preciso terminar de lhe contar sobre sua história, não tenho mais outra chance... se você acordar, não poderei voltar a vê-la, por isso concentre-se na minha voz e se desligue dos outros sons.

— Estou aqui, vovó. Pode falar.

— Serei rápida. Não tenho muito tempo... você chegará à resposta precisa depois, precisará ir a Delfos, em uma gruta na montanha do Parnasso. Não adianta perguntar, pois ninguém saberá informar sua localização. Só irá encontrá-la quem ela permite. Suba pelo lado esquerdo do templo de Delfos. Lá fica a antiga fonte guardada por python, a antiga serpente. Lá está a casa da adivinha cega. Ela trará as respostas para as perguntas que hoje não terá tempo de fazer.

— Mas, vovó...

— Não fale, apenas escute e responda-me o que perguntarei. Qual é o meu nome?

— Seu nome, vovó, é Mélissa, que em grego significa abelha.

— Isso mesmo! Qual a relação entre o meu nome, o seu e o do seu mito preferido?

— Temos a letra M no nome.

— Isso mesmo. Todas somos herdeiras do destino de uma só. Um só sangue corre em nossas veias. Somos partícipes da mesma maldição. Aprisionamos a quem amamos... mas isso tem de acabar. Há uma forma... agora sei. Como não sabíamos, preferíamos morrer a continuar... Escute, Maria, um nome cristão não a livrou da maldição. Evite olhar para qualquer ser vivente quando estiver emocionada — emoção boa ou ruim. Melhor seria que não abrisse

os olhos jamais. Você fez isso com Ana, com Dioniso e acontecerá outras vezes, cada vez mais rápido.

Ana foi sendo petrificada aos poucos, por isso não notaram no sepultamento, parecia só um problema na pele. Foi a sua primeira. Dioniso ainda conseguiu se mover para baixo da cama antes de ficar totalmente petrificado. Mas quando acontecer a terceira vez, será imediato. Você não conseguirá salvar a pessoa ou ser. Viaje o mais rápido possível... encontre a feiticeira... se você sobreviver, talvez quebre a maldição e liberte aqueles a quem aprisionou.

— Isso quer dizer que...

— Sim, em seu sangue corre o sangue de Medusa. Ela é nossa ancestral. Preciso ir. Não me foi permitido dizer mais nada. Cérbero está vindo me buscar. Vá! Agora! Corra! Não pare em hipótese alguma. Se ele te alcançar, Thánatos vencerá e você ficará aprisionada neste mundo, em estado físico vegetativo.

Maria começa a correr, mas parece ser um caminho interminável que não leva a lugar algum. Por onde passava via estátuas com rostos que pareciam conhecidos: antigos vizinhos, colegas de infância, parentes, sua mãe, sua avó... quase parou, mas lembrou do que ela tinha dito e da história de Orfeu... não olhe para trás, só continue... o telefone tocou, caiu na secretária eletrônica, ainda era a voz de Ana a atender — ele não teve paciência de esperar que eu gravasse uma mensagem e gravou ela mesma — não tive coragem de mudar a mensagem. A voz de Ana a despertou, trouxe-a de volta ao mundo dos vivos, com muitas perguntas ainda a serem respondidas e uma agonia queimando o peito.

Maria retorna do mundo de hipnos — o sonho — com a mesma sensação que teve quando fez uma sessão de hipnose para tentar reviver e entender o que tinha acontecido na Grécia com Ana: gritando e se debatendo. Só que lá tinha um terapeuta para a ajudar. Em seu quarto não. Maria chorava incontrolavelmente, tinha medo de abrir os olhos, não podia acreditar que tudo que tinha ouvido de sua vó pudesse ser verdade, mas tudo fazia sentido, mesmo que sem lógica alguma. Ela estava febril, sem

forças para sair do lugar, mas, quase que instintivamente pegou os óculos escuros na mesa de cabeceira e colocou.

Depois de algumas horas, ela não sabia precisar quantas, meio que se arrastou até o banheiro, ligou o chuveiro e ficou ali, com roupa e óculos, paralisada, como se a água corrente pudesse lavar tudo o que tinha visto e ouvido em sonho. Mas algo estalou em sua mente, as palavras de sua vó: “se você sobreviver, talvez quebre a maldição e liberte aqueles a quem aprisionou”.

Como uma cobra que muda de pele, Maria retira a roupa molhada, se seca, toma um medicamento, pois tinha a sensação que sua cabeça iria explodir, liga o computador e pesquisou tudo o que pode sobre Medusa, magia e antídotos mágicos. Leu sobre rituais de iniciação e sobre o sigilo que existia, ou seja, não descobriu nada que não desconfiasse. Precisava seguir o que sua vó tinha lhe sugerido, mas antes precisava resolver umas pendências: entregar um trabalho em andamento, encontrar uma pessoa para ficar em seu lugar durante sua viagem — mesmo correndo o risco de perder sua clientela, era melhor que fechar completamente o ateliê —, verificar quanto dinheiro tinha no banco e contratar um contador para resolver suas finanças enquanto estivesse fora. Sua viagem podia durar dias, meses ou anos... só voltaria com as respostas.

Precisava também ligar para Miguel e dar uma desculpa, não podia contar-lhe a verdade. Ele lhe chamaria de louca. Viajar por conta de um sonho...

Ana sabia que Maria falava com sua vó em sonhos, a esfera física não foi capaz de separá-las. Mas, à medida que foi se tornando adulta, os sonhos foram ficando mais raros. Maria não tinha parado para pensar nesta síndrome de Medusa, ou não queria parar. Conseguiu falar com uma amiga de faculdade com quem ela e Ana tinham afinidade e marcou uma reunião. Passou no banco e conversou com sua gerente: as finanças não estavam boas, mas precisava resolver essa situação, muita coisa dependia disso. Se precisasse pediria um empréstimo.

Passou em uma agência de viagem e comprou passagens para Atenas, viajaria em uma semana, tempo o suficiente para arrumar

tudo. Ainda bem que seu passaporte estava válido, tinha renovado quando viajou com Ana... a última viagem que fez, a última viagem que fizeram juntas... o passaporte de Ana também estava com ela. Maria o levaria como símbolo da companhia desejada.

Ligou para Miguel e marcou um café próximo de sua casa. Ela morava na Gávea e em sua rua havia um café silencioso o bastante para conversarem.

— Então Maria, como você está? Já foi aos médicos? Desculpe-me pelo ocorrido no ateliê... — Miguel parecia nervoso, falava sem parar quando Maria o interrompeu.

— Miguel, eu é que pergunto: o que houve? Você parece mais nervoso do que o habitual. Aconteceu algo com você que eu não saiba. Recebeu alguma notícia sobre o corpo da Ana?

— Maria, sei que estava bêbado, mas naquele ateliê algo aconteceu. Fui lá para olhar detalhadamente para a estátua, coisa que ainda não tinha feito, pois só havia até então brigado para saber do paradeiro do corpo de Ana. Mas o fato de você querer levar a estátua me chamou a atenção. E no auge da insensatez fui verificar. Maria... ao deitar ao lado da estátua, senti por alguns segundos como se ouvisse um batimento cardíaco diferente do meu, depois não ouvi mais. Preciso ir lá de novo, dessa vez lúcido. Gostaria que você fosse comigo, não gostaria de invadir seu local de trabalho mais uma vez.

— É claro! Vamos lá agora.

— Mas o que você queria conversar comigo?

— Vamos primeiro ao ateliê, lá conversamos.

Maria ficou intrigada com a história de Miguel, lembrou de quando se viu nos olhos da estátua de Ana, quase como se visse o brilho de sua pupila. Será que a transformação ainda não estava completa? Mas já haviam se passado quase três anos...

— Maria, já paguei a conta. Vamos?

— Vamos. Você está de carro?

— Achei melhor vir de táxi, não estou me sentindo muito “normal” ultimamente.

Maria riu, fazia tempo que não se via tal expressão em seu rosto. Pegaram um táxi e a expectativa se apossou dos dois. Ainda bem que o ateliê era próximo da casa de Maria.

— Chegamos!

Entramos em silêncio, sentamo-nos e olhamos para a estátua... nada, nenhum brilho, nenhum batimento, ruído, emoção... Acho que o efeito da luz fez com que tivesse uma falsa impressão, creio que o calor que achei que ela transmitisse nada mais era do que o meu atual estado febril. Tudo que não preciso agora é uma infecção.

— É, Maria, acho que foi delírio etílico... Acho melhor irmos embora, mas antes me diga o que queria conversar comigo?

— Miguel, precisarei ficar uns dias foras. Preciso resolver uns problemas de família e gostaria que continuasse supervisionando o ateliê. Deixarei uma colega supervisionando os clientes e projetos, mas tentarei apoiar de longe... viva a internet!

— Ficaré tanto tempo longe para precisar de todo esse auxílio?

— Não sei... mas gosto de achar que tenho o controle de tudo e que pareço organizada — risos.

— Por mim tudo bem. Mas saiba que se precisar de ajuda, estarei por aqui...

— Obrigada!

— E por falar em ajuda, por que você não tirou os óculos escuros? Algum problema com a visão? Já foi ao médico?

Era o que Maria precisava para se desvencilhar de Miguel. Ela disse que estava com uma pequena fotofobia, então olhou para o relógio e pediu desculpas por ter que ir embora, pois tinha oftalmologista marcado.

— Quer que a acompanhe?

— Não precisa, já ocupei demais o seu tempo.

Maria não gostava de mentir, mas não queria deixar margem para suposições por parte de Miguel. Não tinha nenhum médico marcado. O seu problema talvez nem tivesse solução. Mas tentaria até não ter mais forças... se despediu de Miguel, pegou um táxi e partiu.



## Capítulo V

O voo tinha sido emocionalmente muito cansativo, ficar esperando uma conexão por quatro horas no Charles De Gaulle, depois de doze horas de voo, aumentou minha ansiedade. Nem lembrei que estava em Paris... só tinha um pensamento, uma meta: chegar a Delfos. E ainda tinha passado pelo constrangimento de me perguntarem se estava com conjuntivite por causa dos óculos escuros. Tive que tirar, com muito receio, para provar que não tinha nada nos olhos. Ironizei dizendo que era uma atriz famosa e só não queria que os meus fãs me reconhecessem. O fiscal olhou para o meu nome no passaporte, balançou os ombros e me deixou passar.

Tínhamos planejado — Ana e eu — visitar o oráculo de Apolo, mas os deuses helênicos tinham outros planos, desta vez iria sozinha, já tinha feito todo o planejamento: sairia do aeroporto e pegaria o taxi contratado. Calculava em torno de três horas até chegar lá. Como estava em baixa temporada, não fiz reserva em nenhum hotel. Pararia no primeiro que encontrasse para deixar as malas, colocaria uma roupa confortável e tentaria ir, no mesmo dia, ao templo de Apolo.

Era primavera, meados de março... nem parecia que em pouco menos de um mês minha vida tinha virado do avesso.

Um funcionário do aeroporto se aproximou de mim — acho que porque estava parada com um ar de perda — achando que eu era cega, mais uma vez por estar de óculos muito escuros — e ofereceu-me ajuda. Agradei e vi que um homem segurava um papel com meu nome: o motorista me esperava. Já tinha feito a reserva do táxi pela internet, agora era seguir e descobrir o que a Moira tinha me reservado.

Passamos pelo centro de Atenas, e pedi para que parasse em frente ao arco de Adriano, ao lado das ruínas do templo de Zeus Olímpico, para olhar para a Acrópole. Não tive coragem de ir lá,

embora a deusa parecesse me seguir com seus olhos. É a sensação que temos ao passar pelo centro de Atenas, independentemente do local em que se esteja, basta olhar para o alto que vemos o templo da Virgem. E ela era linda, cruelmente linda! Atená fora cruel com Medusa e tinha sido comigo também. Resolvi seguir adiante, esse não era o melhor momento para nostalgias depressivas que se mesclavam com a fome que começava a sentir. Voltei para o táxi e combinei de parar em algum café ao longo do caminho... precisava me afastar de Atenas e das minhas lembranças, senão não conseguiria continuar, mas precisava seguir em frente, por mim, por Ana e por Dioniso.

Assim que paramos, comprei um chip de telefone e enviei uma mensagem para Miguel, Adriana e Carol — a amiga que ficou gerenciando o ateliê. Não disse para eles onde estava, só disse que tudo estava bem comigo e que sempre que possível mandaria notícias.

Não tinha me dado conta de como Cronos continua nos engolindo... e concordei com o motorista que seria melhor ficar em um hotel em Livadiá.. Deixaria Delfos para o dia seguinte...

Nada melhor que um bom banho e esticar as pernas, apesar das estradas gregas serem excelentes, era a primeira vez que fazia o trajeto, isso é claro também associado ao percurso de avião... acabei pegando no sono enrolada na toalha.

Acordei enjoada de fome. A cabeça latejava, não tinha almoçado e pelo jeito, se não corresse, também não iria jantar... olhei pela janela e vi um restaurante aberto. Não queria comer no hotel, a não ser que não tivesse jeito. Queria esticar as pernas, mesmo que fosse até o outro lado da rua.

Fui quase que levada pelo som dos bouzoukis, como os marinheiros de Odisseu teriam sido levados pelo canto das sereias se não tivessem os ouvidos tapados com cera. Tudo que não precisava era tapar os ouvidos, precisava estar com todos os sentidos muito bem ativos para entender o que até agora me parecia uma sandice.

Atravessei a rua, sentei-me à mesa e logo fui recepcionada com água gelada, azeite e torradas seguida de um simpático “kalispera” — boa noite em grego — e a entrega do cardápio. Optei por comer uma salada grega — adoro queijo feta — e um peixe grelhado com batata. Enquanto esperava, comecei a fazer, embalada pela música, um retorno à infância, quando minha mãe e avó ainda eram vivas. Lembro-me ainda do cheiro do cabelo da minha vó, que gostava de secá-lo ao sol e passar óleo de coco para manter o brilho; da minha mãe recordeo do calor do seu abraço e da entonação de sua voz ao me chamar de “minha boneca”. Minha mãe engravidou muito cedo, aos 17 anos, e morreu quando eu tinha quase seis, por conta de um assalto, segundo minha vó. Não lembro... ou melhor só lembro do que minha vó contou, lembro de suas histórias, do seu humor sem limites e da doença que a consumiu... Minha vó morreu antes de me ver formada. Minha sorte foi que deixou economias para me manter durante a faculdade. Mas dinheiro não é tudo, tive que me virar pois não tinha familiares: meu avô era grego — morreu antes de eu nascer; meu pai, nunca conheci sequer o nome... tornei-me desconfiada e reclusa, principalmente depois de alguns relacionamentos malsucedidos. Tudo mudou quando fiz elos de amizade duradouros na faculdade e conheci Ana — ela era divertida, irreverente e me ensinou o valor da amizade e a me valorizar. Ana se tornou a minha família e prometeu que logo me daria sobrinhos, pois casaria com Miguel e teria dois filhos... voltei da minha nostálgica reflexão com as palmas ao término da música. Em seguida chegou o meu prato... que delícia!

Tinha sido a melhor decisão sair do hotel para comer naquele restaurante, consegui relaxar e, por alguns momentos, esquecer todos os problemas... voltei para o hotel, tirei os sapatos e pulei na cama. Acordei no dia seguinte com o barulho de uma buzina na rua. Dormi demais... mas estava precisando.

Aproveitei, enquanto tomava um frapê — café gelado grego — para olhar um panfleto turístico. Descobri que a cidade ficou conhecida no passado pela existência de um oráculo: o oráculo Trofônio. Há duas versões para esse nome: a de que ele pertence a

um arquiteto que construiu o templo de Delfos e foi sepultado na caverna que recebeu seu nome ou que fosse um aspecto ctônico do próprio Zeus. Independentemente de sua origem, segundo a tradição, todos que consultavam o oráculo ficavam “deprimidos”. Apreendi também ao perguntar sobre o local que há até hoje um provérbio para designar uma pessoa triste ou carrancuda, “ela saiu da caverna de Trofônio”. Acho que vou usar isso quando me referir a algumas pessoas, pensei comigo mesma.

Não devia ter visto esse panfleto, isso iria me atrasar mais ainda. Mas como ir a Delfos sem visitar as ruínas desse oráculo. Pedi um táxi para me levar ao local, não queria ir andando e parar em cada pedacinho de história que me chamasse a atenção. O motorista, que também se rotulou de guia turístico, foi me contando que o ritual de consulta ao oráculo exigia uma preparação prévia por parte do solicitante, “era trabalhoso”, dizia ele. Essa seria também uma das razões para que as pessoas preferissem o oráculo de Delfos.

Maria pediu ao taxista que a esperasse e para, depois dali, a levar ao templo em Delfos. O taxista não fazia a mínima ideia das suas intenções, pois seu comportamento parecia o de uma turista comum.

Maria desceu até as ruínas do antigo templo, lavou o rosto no riacho que deve ter servido para a purificação daqueles que buscavam o oráculo, quando algumas abelhas lhe desviaram a atenção para um buraco entre as pedras. Desde criança, sua vó a tinha ensinado a prestar atenção nas abelhas, na sua função para a manutenção do meio ambiente. Ela achava que sua vó aumentava o valor das abelhas por conta do seu nome, mas depois aprendeu que as abelhas, quando aglomeradas longe da colmeia, podiam estar sinalizando uma manifestação ctônica. Não resistiu, viu várias abelhas entrando em um buraco e chegou perto para olhar. As abelhas tinham sumido... colocou o telefone perto do orifício e tirou uma foto. Ampliou a imagem, mas não dava para ver nada... acendeu a luz da lanterna, tirou os óculos escuros e chegou bem

perto. Era curiosa demais... Maria só sentiu a picada e ao pular acabou se desequilibrando e caindo.

O taxista que observava tudo a certa distância correu para ajudá-la. Maria agradeceu, mas sentia o seu olho queimar. Pediu ao taxista que retornasse com ela ao Hotel, pois iria tomar um antialérgico e por gelo na picada. Perguntou a ele se as abelhas eram comuns naquele lugar. Ele disse que nunca ouviu nada a respeito. Então marcou com ele para vir buscá-la dentro de duas horas, pois acreditava que já estaria melhor.

Quando chegou ao quarto e retirou os óculos, Maria viu que o ferrão ainda estava lá. Retirou-o com uma pinça, passou uma pomada e tomou um antialérgico, mas tinha se esquecido de que a medicação causava sonolência, ainda mais associado ao floral que tomava desde o sonho com a sua vó para conter as emoções. A sonolência foi tanta que, enquanto rearrumava a mochila que levaria, sentou-se e cochilou.

— Ah, Maria! - Disse-lhe uma voz masculina — O que você realmente quer saber? Não conhecer, às vezes é melhor. Volte para sua casa, profissão, vida... Só Atená poderá libertá-la. E ninguém sabe onde encontrá-la. Os deuses dormem... É melhor não os acordar. Lembre-se de Édipo! Lembre-se...

O telefone toca. O táxi chegou. Aviso que já vou descer.

Olho-me no espelho. Faz tempo que não me olho detidamente sem os óculos. O olho continua inchado, mas com os óculos ninguém vai perceber. Pareço com minha vó: o mesmo cabelo escuro, o mesmo franzir de testa, os olhos... que sonho estranho, preciso reler Édipo.

O taxista perguntou-me se iríamos direto ou se gostaria de parar em algum lugar. Lembrei a mim mesma que não estava a passeio. Disse-lhe que queria chegar o mais rápido possível a Delfos, mas em segurança. Mas precisava parar em uma livraria e comprar Édipo. Sófocles seria uma boa companhia noturna. O taxista disse-me que não precisava parar, era só atravessar a rua e ir à banca de jornal... que fantástico, tinha Édipo. Agora só precisava decifrar o enigma das esfinges dos meus sonhos. Tomara

que Sófocles seja um bom conselheiro. Entrei no táxi e começamos a nossa Odisseia.

À medida que passávamos pelos bairros, pelas igrejas... senti vontade de entrar em uma delas e pedir ajuda, mas não sabia como, nem a quem. Minha vó era meio mística, acreditava em tudo e ao mesmo tempo em nada, e eu, assim como ela, acreditava na força de vontade, no empenho pessoal e por isso sabia que ninguém além de mim iria conseguir as respostas. Além disso, não acredito que a deusa que procuro estará em um templo ortodoxo... mas as igrejas são lindas e admiro as pessoas que têm fé.

Chegamos a Delfos, não fomos direto ao templo, mas paramos em frente a um hotel indicado pelo taxista, o Hotel Hermes... queria ir logo ao templo, pois já estava aberto à visitação, mas precisava deixar minhas coisas no hotel. O nome me pareceu simbólico, que mensagem encontraria ali? Tudo isso parecia um grande quebra-cabeça, só que a vida da minha melhor amiga dependia de mim e de como manipularia Cronos, com seu apetite incontrolável, que estava de boca aberta, pronto para me devorar... Pedi ao taxista para vir me buscar em dois dias, achei que seria suficiente para encontrar as respostas.

Fiz um pequeno lanche e resolvi baixar tudo o que Plutarco escreveu sobre Delfos e seus oráculos. Por que a resposta estaria aqui e não em Atenas, já que o principal templo da deusa era lá? Procurei nos mapas pela antiga fonte de Phyton, mas nada... encontrei as datas das construções, inclusive do templo circular de Atena (Thólos), dele só restavam três colunas — como se esse número já não fosse mágico o suficiente. Balancei a cabeça, meio que para espantar os pensamentos, Palas me tirava do sério, como podia uma mulher ser tão misógina? Em seu histórico só ajudou homens: Orestes, Hércules, Odisseu... ajudou Jasão na construção da nau Argos e Poseidon... este último maculou toda a minha história e hoje estou aqui tentando impedir que outra pessoa pague por uma história que não é a sua. Só uma coisa tinha em comum com a filha de Métis, um celibato castrador, sem justificativa e que, diferente da deusa, não foi uma opção... apenas queria um

romantismo que estava em desuso. Ana bem sabia das minhas escolhas equivocadas, apaixonava-me pelo improvável e quando se tornava provável me “desapaixonava”. Era o meu próprio carcereiro e me boicotava sempre que as coisas “esquentavam” demais... acho que foi praga da minha vó que dizia repetidamente: “se mantenha virgem até os trinta, tudo mudará quando chegar a essa idade e, se conseguir essa proeza, terá todas as respostas, e quem sabe será feliz.”

Cheguei aos trintas e a única coisa que consegui foi matar minha melhor amiga... mas nem que precise descer ao Hades, trarei Ana de volta. Meu rosto doía... fui para o quarto, tomei um banho demorado e olhei-me no espelho; o inchaço da picada parecia estar infeccionando... tomei outro antialérgico, limpei o local, passei uma pomada e dormi...

Droga! Perdi o horário de novo! E o café! E a excursão guiada. Maldito antialérgico. Pelo menos não sonhei com nada... então era hora de agir, aprontei a mochila, coloquei um lanche reforçado porque não iria parar para almoçar, pois já tinha perdido tempo demais. Mas meu coração estava apertado... então antes de sair liguei para o Miguel.

— Alô, Miguel? É a Maria...

— Maria? Onde você está? Quando volta?

— Calma, Miguel! Estou bem. Por que está tão nervoso? O que aconteceu?

— Maria, lembra-se do teste que fizemos com a estátua de Ana? Pois bem, a Adriana resolveu refazer o teste e para sua surpresa o mármore ganhou uma nova consistência... só que agora de pele humana. Enviamos a outro laboratório... não sei o que pensar...

— Miguel, tenho que sair... não posso falar agora, mas peça um teste de DNA... o da Ana. Depois nos falamos.

Não tinha mais nenhuma condição de continuar a conversa. O tempo para Ana estava acabando... peguei um táxi e durante a viagem, remexendo a bolsa, encontrei o texto de Sófocles. Abri em um trecho que dizia assim:

“Doce palavra de Zeus, que nos trazes do santuário dourado de Delfos à cidade ilustre de Tebas? Temos o espírito conturbado pelo terror, e o desespero nos quebranta. Ó Apolo, nume tutelar de Delos, tu que sabes curar todos os males, que sorte nos reservas agora, ou pelos anos futuros? Dize-nos tu, filha da áurea Esperança, divina voz imortal! Também a ti recorreremos, ó filha de Zeus. Palas eterna, e a tua divina irmã, Ártemis, protetora de nossa pátria, em seu trono glorioso na Ágora imensa; e Apolo, que ao longe expede suas setas; vinde todos vós em nosso socorro; assim como já nos salvaste outrora de uma desgraça que nos ameaçava, vinde hoje salvar-nos de novo!”<sup>2</sup>

Era exatamente isso, precisava, assim como Tebas, de socorro, mesmo que fosse de Atená... Cheguei! Coração na boca! Começo a subir acompanhada do canto das cigarras, o chão parecia tremer sob meus pés, ou era o nervosismo que já tinha tomado conta das minhas pernas... enfim, não parei no templo, não queria falar nem com a Pitonisa, nem com Apolo... continuei a subir, pela lateral do antigo teatro... parei perto de uma fonte/torneira de água muito gelada e perguntei às pessoas que estavam ali se sabiam de onde vinha a água. Algumas balançaram o ombro, outras responderam em tom de deboche “para perguntar a Apolo”. Nessa hora dá vontade de esquecer a educação que recebi, mas não tinha tempo a perder... continuei subindo em busca da fonte, da caverna e da feiticeira.

Já fazia uma hora que estava subindo e alguns minutos que não encontrava mais nenhum turista. A vista era impactante... fica evidente a razão de ser considerado o centro do mundo na antiguidade e de ainda hoje ser considerado mágico. Por conta do ódio nutrido no coração humano, o templo foi destruído e o deus emudeceu, mas precisava ouvir sua voz, por isso continuei a subir e como não identifiquei nenhuma nascente, comecei a economizar água... olhei para o lado esquerdo e vi o que parecia ser uma abertura na rocha, peguei a lanterna na mochila e examinei a entrada, não poderia encontrar mais abelhas e nem outros bichinhos

---

<sup>2</sup> Tradução de J. B. de Mello e Souza.

peçonhentos... na parte inferior da entrada tinha um pedaço de um material que parecia mármore, parecia parte de uma placa com um texto em grego... mas não estava completo, a única palavra que me lembrou das aulas de grego e da minha vó foi drag-, cobra, o animal mágico que transita os três mundos... teria encontrado o lugar em que estaria a feiticeira? Meu coração incrédulo dizia que estava fácil demais. Entrei, era uma pequena caverna com uma luminosidade natural e cheiro de urina, além de muita sujeira humana de antigos visitantes... como disse, fácil demais, nenhum outro sinal que me fizesse permanecer naquele local por mais tempo, mas ao sair vi algo brilhar no chão... era outro pedaço de mármore com o desenho de uma cobra do lado de uma trípode. Como não encontraram essas peças antes? Deveriam estar em um museu. Olhei no entorno para ver se não encontrava mais fragmentos... enquanto as colocava em minha mochila — vou fotografar e tentar traduzir antes de entregar ao museu, pensei — vi uma pequena árvore e resolvi sentar-me para comer algo.

Enquanto comia e bebia o pouco de água que me restava, ouvi trovões ao longe... olhei no entorno, mas o céu estava limpo... tinha planejado ficar até às 15 horas, para ter tempo de descer em segurança. Restava-me uma hora antes do retorno programado, mas antes que conseguisse elaborar um cronograma começou a chover, forte...

— Pelo amor de Zeus, de onde veio essa chuva se o céu está limpo? Embaixo de uma árvore é que não posso ficar, só falta cair um raio na minha cabeça...

Corri de volta àquela caverninha que mais parecia um banheiro público na esperança que fosse uma chuva passageira... a fonte de luz da caverna agora parecia um telhado com um buraco, encostei-me em uma lateral para evitar me molhar mais ainda... olhei um detalhe que não tinha visto antes: uma abertura no chão por onde a água da chuva escoria... olhando o movimento da água, pareciam degraus... lembrei da “katábase”, a descida necessária para um novo ciclo, um processo de iniciação, como um batismo tão presente em diversas culturas... não resisti desci, agora além de molhada,

também estava suja, pois a passagem era bem estreita. Desci até um ponto em que havia uma outra caverna, maior do que a que estava acima... lembrei-me da teoria de que o suposto labirinto do Minotauro era exatamente as intermináveis cavernas existente sob o palácio de Cnossos... Estava presenciando uma dessas maravilhas! Peguei o celular e tirei uma foto. Ninguém acreditaria que eu, sozinha, estaria passando por essa aventura... só Ana, que não só acreditaria, mas também me estimularia... é por você Ana, preciso conseguir... andei um pouco mais e a água escorria em uma espécie de laguna. Peguei com a mão e senti o cheiro — estava morta de sede, mas não queria beber água com xixi — usei os princípios básicos para identificar a pureza da água: sem cheiro, sem cor e sem sabor... não só bebi, mas enchi a garrafa também.

Olhei para o relógio, sentei-me um pouco abatida pela frustração... a chuva parou, precisava voltar... Quando me levantei uma dor tomou meu tornozelo, senti uma picada... outra, olhei para trás e só vi o rastejo de uma cobra... abelha, cobra... agora minha katábase se transformará em meu túmulo. Respira Maria — pensei. É só voltar e buscar atendimento... no máximo perderei a perna. Sentimento de pena nessa hora não ajudará ninguém, pensei. Olhei no entorno, para ver se via a cobra, sentei-me novamente, tirei o tênis e lavei o local da picada... no tornozelo... doía muito!

Quando estava calçando o tênis, ouvi o barulho vindo da entrada, era uma jovem também curiosa, que falava muito alto e em grego. Disse-lhe que não a entendia... com dor é impossível. Mas ela falava espanhol e a conversa ficou mais fácil. Disse-lhe para ter cuidado com as cobras, que tinha acabado de ser picada por uma... ela pediu-me para ver a ferida, tinha experiência com esse tipo de acidente... mostrei-lhe o local. Ela então me disse:

— Tire a meia, por favor!

— Você também fala português? Quem diria... que sorte a minha. A picada foi no tornozelo.

— Sua vida depende do que eu encontrar no seu pé... se sua jornada inicia ou finda.

— Do que está falando? Quem é você afinal? Estamos perdendo tempo, preciso sair daqui e procurar um médico. Se não for me ajudar, não atrapalhe. Minha vida já está atrapalhada demais.

A mulher fez o som de silêncio, tirou a minha meia e abriu os meus dedos... nesse momento vi algo que nunca tinha visto... claro, não estava lá... sob o terceiro dedo do pé esquerdo, o desenho de duas cobras em sentido contrário.

— Espantada! O veneno da cobra fez com que essa marca genética aparecesse. Se ela não aparecesse, você morreria. Tenho certeza que sua vó pedia para fazer massagem regularmente nos seus pés... ela procurava a marca e quando não a encontrou, descansou e não a preparou para o que está por vir.

— Você conhece a minha vó? Como sabe sobre isso? Já perguntei, quem é você?

A jovem mulher se transforma em uma anciã, similar a todo o meu imaginário iconográfico relacionado às Parcas. Nesse momento, tive a certeza que a feiticeira tinha me encontrado... será aquela a fonte da Python? Será a água mágica que traria a vida de Ana de volta?

Como se lesse meus pensamentos ela respondeu:

— Não! Essa água não é mágica. Não! Você não precisa de um médico. E sim, sou a feiticeira que sua vó em sonhos pediu para encontrar. Pois bem, Maria, preste atenção no que vou lhe dizer: sua mãe, sua vó e todas as que vieram antes dela não conseguiram quebrar a maldição. Você pode! E, se conseguir, também libertará as que vierem da maldição de Medusa e salvará Ana. Preste atenção... só o sangue do sacrifício pode aplacar Atená. O coração contrito... esqueça a mágoa... pense no sentimento que a move... Ana é a sua Tebas. Você precisa ir ao templo de Atená Pronaia, amanhã à noite... quando a lua estará passando de crescente para cheia. Você, se conseguir, terá todo o ciclo lunar até a lua nova para libertar Ana. Caso contrário, assim como Eurídice, seu espírito ficará aprisionado para sempre no Hades.

— Mas o que devo fazer quando chegar ao templo de Atená? O que farei depois?

A feiticeira a interrompe:

— Sua vó não a iniciou nos mistérios... talvez seja melhor assim. Também não o farei. Siga seus instintos... preste atenção nos sons. Agora vá... você está sendo procurada!

Quando olhei para a entrada e voltei os olhos, ela não estava mais lá. Calcei a meia, o tênis e fiz a minha anábase, subida... teria essa sido a minha iniciação? Sem o fio de Ariadne, saí do meu labirinto. Já não sentia mais dor...

Quando saí da caverna, encontrei com um jovem que em inglês perguntou se tinha mais alguém na caverna. Disse-lhe que não. Ele subiu porque alguns turistas tinham me visto sozinha na montanha e, como não desci, o local já ia fechar, ele resolveu dar uma olhada... Isso não é algo comum. Tive sorte! Agradei, apresentei-me e perguntei o seu nome:

— Iorgos. Jorge na sua língua. Aquele que matou o dragão... em grego antigo dragão e cobra são as mesmas palavras... mesmo que tenhamos phídi, que originou o nome do soro antiofídico...

Enquanto ele continuava falando orgulhoso sobre a origem do seu nome e dos seus conhecimentos em grego antigo, uma reviravolta se deu em meu estômago, comecei a sentir muito enjoo e a suar frio... Acho que era exaustão... não gostaria de falar de cobras nesse momento... que assunto nada oportuno... finalmente chegamos ao museu. Iorgos chamou um táxi para mim, agradei e perguntei a que horas eles fechavam para a visitação.

— Abrimos às 8h e fechamos às 17h nessa época do ano.

Só então me dei conta do horário, fiquei horas naquela caverna, mas não era essa a sensação. Precisava de um longo banho... comer e pensar. Agradei mais uma vez ao falante Iorgos e entrei no táxi.

Ao sentar-me, tirei os óculos... o motorista ao me ver pelo espelho retrovisor não se conteve e falou:

— Senhora, seu olho está muito inchado. O que é isso? Conjuntivite?

— Não. Uma abelha me picou.

— Ah, méliSSa! Dizem que sonhar com abelha indica sucesso na vida, mas picada... isso não é sorte para ninguém. A senhora é que o diga...

Como pude ser tão displicente, Melissa era o nome da minha vó. Ela queria me dizer alguma coisa... mas o quê? Da última vez, disse-me que não poderia mais aparecer em sonhos... minha cabeça doía de tantos pensamentos sem respostas. E agora só tinha 24 horas para me preparar...

A primeira coisa que fiz ao entrar no quarto foi tirar o tênis e olhar entre os dedos para ver as cobras. Nada... nem as cobras... nem a marca da picada no tornozelo... será que tudo foi um sonho? Foi real demais! Olhei-me no espelho, estava horrível... a picada infeccionou, precisava ir ao médico... não podia continuar tomando antialérgicos e perdendo a hora.

Mostrei o rosto na recepção do Hotel e pedi que me indicassem um médico alergista. Liguei e, como era uma emergência, ele me atendeu, passou um antibiótico e uma pomada. Disse-me para voltar em três dias, pois estava muito inflamado e o perigo, como estava muito próximo do olho, era atingir a visão. Três dias... em três dias precisava estar voltando ao Brasil. Precisava voltar o mais rápido possível. Não tinha muito tempo.

Estava exausta, pedi no quarto algo bem leve para comer: uma salada grega, um peixe grelhado e iogurte com pêssego... merecia uma sobremesa. Adicionei aos remédios uma dose extra do meu elixir do sono e pedi a Hermes um sinal do que eu enfrentaria amanhã. Comi na varanda do quarto, olhando para o Parnasso e desejando que a Pitonisa de Apolo ainda existisse... só nesse momento pude agradecer pelo dom da vida e por estar contemplando aquele lugar... minha vó dizia que não há acaso, que o destino encontra seu próprio curso. Então, eu estou onde devia estar e amanhã só acontecerá o que deve acontecer... que se cumpra o designo dos deuses... fui dormir.



## Capítulo VI

Hermes que concede alegrias, conduz os meus passos, a minha mente e leva-me ao sucesso na minha empreitada...

Acordei balbuciando os versos do Hino homérico a Hermes que a minha vó repetia sempre que eu ia sair, só que pedindo por mim. Meus amigos sempre a achavam engraçada e perguntavam:

— Não era mais fácil dizer “vai com Deus”!

Não, nada era simples para dona Melissa... tudo tinha um contexto, uma razão... uma história. Por que ela não me iniciou nos mistérios? Talvez não tivesse tantas dúvidas... talvez hoje à noite saiba a razão e conheça um pouco mais da minha história.

Peguei a bolsa para pegar os remédios e vi os pedaços de mármore... encaixei uma parte na outra, era a parte inferior de uma peça...

De um lado, como já tinha identificado a palavra *drag*... que por conta do desenho deduzi que fosse cobra... no outro pedaço tinha o que parecia ser uma frase... não sabia o tamanho da peça, nem o contexto de sua confecção... meu grego antigo estava enferrujado, por isso resolvi tirar uma foto e enviar a uma amiga no Brasil. Precisava entregar o que achei ao museu, mas só amanhã, antes de partir... não sei se isso me ajudaria em algo. Não posso descartar nada... ao pegar o celular vi que tinha um recado de Miguel... hesitei em ouvir, mas...

— Como você sabia? Sempre foi a Ana... se puder... quiser... me liga. Preciso entender o que está acontecendo.

Entendo o Miguel, mas não podia contar o que sei, é loucura demais para alguém acreditar. Depois de hoje à noite, com as respostas nas mãos, ligo para ele. Acho...

Mandei a foto para Adriana e disse que encontrei essa peça em um antiquário. Pedi que ela me ajudasse com a tradução. Espero que ela consiga traduzir até a noite. Disse-lhe também que,

dependendo da tradução, compraria... seria um excelente objeto de decoração. Ela sabia que gostava de garimpar... tomara que hoje ela tenha um tempo para me fazer esse favor... não consegui pensar em mais ninguém, também não tenho tempo para isso agora.

Acabei esquecendo, depois do áudio do Miguel, o sonho que tive... sonhei que tinha ido ao santuário de Atená, mas por baixo, por um túnel... e lá encontrava a cura para tudo, não sabia definir o que era, mas precisava descobrir se esse túnel existia. Precisava de um mapa antigo da construção do complexo de Delfos. Encontrei vários mapas com as datas das construções tanto do complexo do templo de Apolo, como do de Atená Pronaia, que recebeu esse nome, provavelmente, por ser o primeiro templo que os viajantes a pé encontravam, ou, talvez, porque ficava antes do templo de Apolo. Nesse lugar há a crença no poder da tríade feminina, neste caso Gaia, Ártemis e Atená, e várias indagações existem sobre as construções. Contudo não há nenhum sinal de túnel, nem caverna... talvez o meu sonho ainda tenha sido uma reminiscência do que vivi no dia anterior. Não sabia o que procurar, nem o que fazer... o alarme do meu celular toca: hora do anti-inflamatório... não sentia melhora nenhuma, ao contrário. Peguei o remédio em minha mochila e a garrafa com água e tomei o comprimido. Aproveitei para pôr algumas coisas, caso precisasse, já que passaria parte da noite lá por cima... meu pê começou a formigar... tirei o calçado e lá estavam elas... lembrei que a água da garrafa era a da fonte. Entendi que esse era um sinal para começar minha jornada... óculos escuros e mochila nas costas. Dessa vez faria o percurso a pé... de olho em todos os detalhes, a procura dos sinais... Que Hermes conduza os meus passos!

Cheguei! A vontade que tinha era entrar no Thólos... mas estava cercado... observei cada fragmento de coluna, lasca de pedra, para ver se via um pista... nada. Como poderia encontrar algo novo que não tivesse sido visto antes por algum arqueólogo? Só se os deuses viessem em meu socorro. Lembrei do que a feiticeira tinha me dito e busquei no mapa onde ficava a antiga mesa dos sacrifícios a Atená.

Nada... a não ser um aglomerado de pedaços de colunas. Será que embaixo havia alguma entrada, alguma caverna... impossível descobrir. Uma grande árvore me chamou a atenção, uma antiga oliveira... seria um sinal... ouvi vozes e me escondi atrás de seu tronco. Pareciam ser jovens se divertindo, bebendo, rindo... talvez se amando sob as bênçãos de Selene e do Parnaso... senti receio de ser descoberta, pois estava em uma área “fechada” à visitação noturna. Lembrei-me de Antígona e do seu lamento sobre o que deixou de viver pelo amor que nutria ao seu irmão... também amo Ana, mas, como a filha de Édipo, a sensação de estar deixando de viver coisas que tinha planejado, por vezes, afligia meus pensamentos.

A alegria dos jovens aos poucos foi diminuindo e a sinfonia dos grilos causava-me um entorpecimento que aos poucos me fez adormecer com o pensamento de que sairia dali sem respostas... mas antes que a profundidade do sono se apossasse de mim, fui arremessada ao chão abruptamente e, na escuridão — por algum motivo toda a iluminação tinha se apagado, sobrando apenas Selene — senti um corpo se lançar sobre o meu, tapando a minha boca e dizendo para não reagir. Conhecia aquela voz... era a do guarda falante. Embora usasse uma máscara, uma réplica das máscaras trágicas, o reconheci.

Lembrei-me de todas as mulheres vítimas de violência e, conseguindo dobrar as pernas, acertei-lhe a genitália. Ele saiu de cima de mim e me arrastei na direção do templo de Atená, na parte mais iluminada. Mas a joelhada não foi tão forte, pois no momento que conseguia me levantar, ele me empurrou... caio novamente e bato com a cabeça na base do templo. Sinto o calor do sangue escorrer pela minha nuca e aos poucos fui perdendo a consciência.

Ao entreabrir os olhos senti aquele homem sentado sobre mim, desabotoando com força minha roupa. Então vi se aproximar um outro vulto e, não sei como, reconheci que era Atená. Ela me perguntou o que estava acontecendo ali e eu, mentalmente, lhe respondi que estava tentando salvar uma amiga.

Ela riu e disse-me:

— Você precisa se salvar primeiro. Use o seu dom!

Aquele homem, ao rasgar minhas roupas, parecia um animal selvagem prestes a me devorar e, em meio aos ruídos que produzia, virou a minha cabeça em sua direção, tirou sua máscara e disse-me a única coisa que não devia:

— Quero ver seus olhos implorando para eu parar enquanto estiver te dividindo ao meio.

Comecei a sentir muita dor na cabeça, o gosto do meu próprio sangue que escorria do meu rosto, minhas pupilas dilataram, nossos olhos se encontraram e instantaneamente seus movimentos pararam, seu corpo congelou e eu o empurrei de cima de mim, frio como uma pedra.

Sentei-me. Coloquei a mão entre as pernas, mas embora dolorida, ele não tinha conseguido o que queria, mas a cabeça doía muito e sangrava muito também. Com a mão cheia de sangue, apoiei-me em uma coluna do templo e cai novamente, pois uma parte da coluna desmoronou com o meu toque e junto com os pedaços dela cai algo parecido com um graveto.

Ouvi o bater de palmas e uma voz que dizia em tom irônico.

— Quem diria que alguém da sua idade ainda seria virgem... inacreditável! Ainda mais nos dias atuais... mas, quem sou eu para falar de virgindade... Ah, e antes que me esqueça essa não é a cura. Você precisa levar a chave ao templo de Hefesto, em Atenas, e usá-la para abrir o esconderijo que está embutido no chão entre a terceira e a quarta coluna, da direita. Lá está o peitoral de Medusa. Ele foi feito com a própria cabeça de sua antepassada e tem o poder de reverter o efeito causado por seus olhos. Coloque-o sobre sua amiga e ela será curada. Só me escute um pouco mais... preciso diminuir esse desprezo que sente por mim, pois ódio que sente faz você “vibrar” mal, entende?

Errei com Medusa, admito. Não devia condená-la... Mulher nenhuma deve pagar pelo interminável cio masculino, mesmo que seja o de um deus. Mas só entendi isso quando quase fui violentada por Hefesto... (durante toda a fala de Atená, Maria catava as suas coisas e vestia por cima da roupa rasgada o casaco que estava na

mochila, não lhe dava muita atenção, mas, nesse momento, ela para e ouve com atenção. Atená, então percebe que conseguiu sua atenção.) Só consegui me livrar por ser uma imortal. E, mesmo assim, ele ainda me marcou com seu sêmen: Maldito! Rapidamente joguei o esperma no chão, mas Gaia, que é fértil o tempo todo, gerou Erictônio. Gaia não o quis, e eu não podia errar novamente, por isso o criei como se fosse meu filho.

Não consegui salvar Medusa... o poder da sua ira era muito cobiçado por todos, por isso foi morta, não sabia que estava grávida... mas a imortalizei como símbolo de proteção perene e fiz uma promessa de que em nenhum de meus templos uma mulher sofreria qualquer violência sexual novamente... por isso estou aqui. Embora esse jovem mereça, ele não morrerá, nem lembrará do ocorrido, como castigo terá sua semente extinta e será o último de sua inútil geração...

Quanto a você, o seu sangue conseguiu fazer o que ninguém tinha conseguido até hoje. Só o sangue de uma herdeira legítima de Medusa realizaria esse feito. Medusa, meu único arrependimento... agora vá! Cronos não tem piedade dos mortais. Tenha cautela com Hefesto.

Sem dizer uma só palavra me afastei, sem olhar para trás e ver o sorriso dissimulado de Atená... tinha a impressão de ouvir sua risada, meu coração dizia que ela estava escondendo algo, por alguma razão não confiava nela nem em seu arrependimento, mas não tinha tempo para divagações. Voltei para o hotel com todos os centímetros do meu corpo doendo, meus pés formigavam, como se as cobras me avisassem de algo, já estava amanhecendo. Antes de subir, pedi para fechar a conta e liguei para o taxista... tomei um banho, toquei-me e ao lembrar do ocorrido senti um misto de dor e ansiedade... meu corpo já tinha experimentado outros prazeres, mas o meu corpo inteiro latejava e agora não era só de dor. Saí do banho, vesti-me, tomei o antibiótico, passei a pomada... o olho mal abria por conta do inchaço. Precisava chegar rápido em Atenas e voltar para o Brasil... para Ana. O telefone toca, o táxi chegou... paguei o hotel, deixei o que parecia ser a placa endereçada ao

museu e entrei no táxi... só então percebi que o recado para Adriana não tinha sido enviado... não importava mais... o importante, nesse momento, era que em três horas, no máximo, estaria em Atenas, no templo de Hefesto... apaguei no táxi e só acordei com o taxista me chamando. Como estava dormindo, o motorista me levou para um hotel que recomendava, o Electra... nome sugestivo, teriam as Moiras decidindo por mim? Espero que meu cartão de crédito suporte todos os gastos, mas várias vidas não seriam suficientes para pagar pela vida de Ana. Pode até parecer clichê, mas só quem ama de verdade sabe do que estou falando.

## Capítulo VII

Da janela do meu quarto via o Parthenon. Mas não fiquei olhando por muito tempo... ainda tinha muitas pendências com Atená... aproveitei que caía uma fina chuva para pesquisar sobre Hefesto e seu templo. Há muitas histórias sobre o deus do fogo e da metalurgia e seu local de adoração. Muitos acreditavam que os ossos do grande herói Teseu foram enterrados lá, mas depois comprovaram ser essa lenda incorreta (ainda bem que não eram os de Perseu, senão não poderia pisar lá), mas o que mais me chamou a atenção foi o fato do templo já ter sido usado como igreja de São Jorge, Iorgos... teria isso alguma relação com o meu quase estupro? Ou seria pelo fato dele matar um dragão/cobra? O formigamento no meu pé sinalizava que não estava errada... alguma coisa estava prestes a acontecer.

A chuvinha parou, fui na direção do templo, era realmente fantástica a sua estrutura e o quanto estava conservado. Lembrei da fala de Atená para “abrir o cofre que está embutido no chão entre a terceira e a quarta coluna, da direita”. Peguei aquela suposta chave e procurei uma falha em que ela se encaixasse... um guarda pediu para me afastar das cordas, disse-lhe que estava procurando meu brinco que tinha caído. Ele sacudiu os ombros e disse para não demorar... afinal o que mais podia alguém estar procurando no chão do lado de fora de um templo antigo?

Passei a mão na base entre as duas colunas e machuquei meu dedo em uma fresta. Peguei a “chave” da bolsa e encaixei na fresta... o chão abaixo da base afundou um pouco, mas teria que cavar... e lá vinha o guarda novamente... mostrei-lhe o brinco que tinha arrancado da orelha e para disfarçar pedi que tirasse uma foto comigo perto do templo por permitir que encontrasse uma joia de família. Em seguida ele foi embora, comprei um sanduíche e uma lembrancinha só para ter uma sacola em mãos. Abaixei-me e cavei

com as mãos, a terra estava fofa... esperava encontrar um peitoral dourado, como nas ilustrações, mas puxei o que parecia ser um pano velho. Não tinha tempo para examinar nada agora à luz do dia. Enfiei o pano na sacola de lembrancinha e depois enfiei a mão na terra para ver se tinha mais alguma coisa... nada. Levantei-me e saí dali com o coração saindo pela boca, parecia que todos sabiam o que fiz, que todos me olhavam. E me olhavam... só quando cheguei ao hotel e passei pelo hall é que vi em um espelho que estava sem os óculos... meu rosto estava assustador: vermelho, inchado e o local da picada estava com a cor esbranquiçada como se tivesse muita secreção. Entrei correndo no quarto, lavei as mãos sujas de terra e, em seguida, meu rosto. Senti, então, o quanto estava quente. Prometi a mim mesma que assim que chegasse ao Rio iria o médico, não podia correr o risco de ser internada para cuidar de alguma possível infecção. Não tinha esse tempo.

Peguei a sacola, fui para a cama e a sacudi, de modo que tudo que estivesse dentro caísse na cama. Caiu a miniatura do templo que comprei e o pano... estiquei-o, mas parecia ser só um tecido velho... seria uma pegadinha da deusa das "falcatruas"? Como pude confiar nela? Estava matando minha amiga pela segunda vez... falhei.

Liguei o computador e reservei passagens para a manhã do dia seguinte e resolvi pesquisar um pouco sobre o peitoral de Atená. Perseu além dos conselhos de Atená, recebeu das Ninfas sandálias aladas, como as de Hermes, para que ninguém o alcançasse; o capacete de Hades para que ficasse invisível e uma bolsa para guardar a cabeça de minha parente. Além disso, ganhou de Hermes uma foice capaz de cortar qualquer coisa, inclusive a cabeça de Medusa. Tentei perdoar Perseu porque, indiretamente, tentava ajudar sua mãe. Mas ainda não entendi a relação com Hefesto... tomei um banho bem quente e o inchaço da picada estourou, saiu muita secreção e senti um alívio imediato. Enrolei-me na toalha e peguei um espelho para enxergar melhor o meu rosto e para passar a toalha, pois o do banheiro estava muito embaçado por conta do vapor do chuveiro.

Quando joguei o espelho na cama, ele caiu sobre o pano e vi algo que ainda não tinha visto. Assim como o espelho tinha revelado Medusa sem petrificar Perseu, um espelho tinha revelado o rosto de medusa, como se estivesse desenhado naquele pano velho. Fiquei muito mais confusa... pesquisei na internet e não encontrei nada... não conseguia tirar da cabeça que tinha falhado... voltou a cair uma chuva fina e com ela trovejadas de “se” invadiram meus pensamentos, fazendo com que transbordasse em um choro incessante. Chorei tanto que adormeci banhada em lágrimas, soluços e com gritos presos nas quatro paredes de meu peito... foi então que em sonho Hefesto me apareceu, levei um susto com sua aparência disforme.

— Te assustei, Maria? Costumo causar essa sensação até mesmo entre os deuses, mas, diferente deles, não me revisto com uma aparência agradável aos olhos dos outros... sou como sou... mas não é sobre mim que vim falar.

— Desculpe por ter violado seu templo, mas...

— Calma, menina! Não vim te cobrar nada. Ao contrário, vim esclarecer algumas coisas. Você tem ideia do que encontrou lá?

— Um tecido velho com um desenho de Medusa grafado. Atená me enganou mais uma vez.

— Não sei se enganar é o termo apropriado, mas ela é cheia de artifícios e faz uso deles, pois herdou a inteligência da mãe. Mas, infelizmente, o espírito do pai é predominante, ou seja, ela não sabe perder e usa todos os tipos de “truques” para isso.

— Mas por quê? Como eu e Ana estamos envolvidos nessa essência funesta. Por que ela não nos deixa em paz?

— Calma, vou te contar rapidamente uma história que você não encontrará nos livros: Atená teve inveja de Medusa. Ela era bonita e inteligente... diferente das seguidoras de Afrodite, e por isso sempre era comparada com Palas. Quando ela foi servir no templo, a comparação ficou pior ainda, a ponto de buscarem se aconselhar com ela, a buscarem respostas da divindade. Afinal, ela respondia sempre, já Atená... entendeu? Medusa tinha dois atributos que raramente são encontrados em uma mesma mulher:

inteligência e beleza... Não foi por conta de um estupro que profanou o templo da “virgenzona”, foi por vaidade, por inveja, por orgulho... o sangue do pai falou mais forte.

— E o que ela quer de mim? A minha cabeça?

Hefesto ri.

— Não! Ela descobriu que uma morte lenta é mais agradável que uma rápida... por isso fazer você ter a esperança de poder trazer Ana de volta e depois frustrá-la a diverte tanto. Todos no Olimpo já observaram que ela tem estado com um ótimo humor. Os deuses já não se interessam mais pelos homens, nenhum deus se importa, eu só me interessei porque fui envolvido, mais uma vez, nessa história.

— Isso significa que foi tudo uma farsa... que nunca houve a possibilidade de trazer Ana de volta. Mas a minha vó... a feiticeira...

— Calma, menina. Vamos ao que interessa: você sabe o que tem em mãos? O sangue de Medusa está nesse “pano velho”, porque ele é parte do saco em que Perseu carregou a cabeça de sua antepassada. E, por mais que não pareça grande coisa, tudo que foi tocado pelo sangue de Medusa traz parte do seu poder. Por isso Atená fez questão de trazer sua cabeça em seu peitoral.

Quando Atená amaldiçoou Medusa, conferiu-lhe mais poder ainda. Como não contava com isso, a única opção para esconder sua sequência de erros foi matá-la... colocar, em sequência, sua cabeça em seu peitoral simbolizava aniquilar, petrificar todos aqueles que tentassem se opor a ela e aos seus desejos. Ou seja, ela conseguiu enviar a mensagem: nem a mais poderosa das humanas conseguiu vencê-la... ou seja, não a irrite.

— Ela conseguiu novamente... Não há como vencê-la, já entendi.

— Depende do que entende por vitória. Por exemplo, ela não sabe dessa nossa conversa, pois estamos em uma área que não é a dela, a dos sonhos. Por isso ela nunca interferiu nas suas conversas com sua avó. Ela só interfere na vida real. Mas, agora me escute: coloque esse tecido velho e sujo em seu rosto, ele irá curá-la dessa infecção...

— Então ela irá curar Ana também?

— Posso terminar de falar? Ele não tem a força necessária para quebrar o poder que a prende naquela forma. Mas você pode ampliá-lo... ou tentar. Faça o que eu te disser: leve o pano até as ruínas do templo de Asclépio, na área sul da Acrópolis, toda a região ainda tem muito poder. Enterre o pano, abra seu coração ao deus, diga sinceramente o que deseja, espere três horas e desenterre o pano. Se ele tiver a aparência de novo, ele a atendeu e sua amiga está salva.

— Por que Atená não me deu seu peitoral? Ela mentiu? Não há nenhuma lei divina que proíba uma divindade de mentir?

— Em nenhum momento ela disse que o peitoral estaria lá. O peitoral não existe mais. Era algo concreto que ficava na estátua da deusa no Parthenon. Ela presenteou sua cidade preferida. Atená tem seus escolhidos, é só lembrar de Odisseu... mas não funcionou fora do peito da deusa. Ele foi roubado, derretido e deve estar protegendo aqueles que conseguiram usar as joias que foram confeccionadas com ele, pois era de ouro puro, como o velocino. Mais alguma pergunta?

— Sim! Por que está ajudando?

— Ah, sim. Estou cansado de ser considerado o frustrado sexualmente por conta da traição de Afrodite. As pessoas esquecem que ela já tinha antes de mim, e sempre terá, muitos amantes, Ares foi só mais um. Zeus a obrigou a casar comigo para me premiar, ou você acha que Afrodite iria de livre vontade para cama com alguém como eu? No mais, provei que tenho mais que um corpinho bonito quando peguei os dois na cama... a ideia da rede invisível foi incrível, não foi? (risos). Além disso, essa história de que quase violei Atená está engasgada até hoje... Ela quis me seduzir, mostrar que podia ser tão desejável quanto Afrodite e, quando reagi, inventou essa história... o resto você já sabe. Mas isso não é divã... aproveite a noite para ir ao templo, pois durante o dia não vão deixá-la se aproximar. E sem querer pressioná-la... seu tempo está acabando.

Acordei e olhei para aquele pano sujo e pensei que, se não funcionasse, aumentaria ainda mais a infecção. Mas ao direcionar

novamente o espelho, vi a imagem de Medusa e, quase que instantaneamente, coloquei o tecido sobre meu rosto. Não sabia quanto tempo deveria permanecer assim, mas senti o meu rosto aquecer e depois esfriar. Quando não senti mais nada, retirei o pano. Isso deve ter levado uns dez minutos. Peguei rapidamente o espelho e olhei meu rosto... o inchaço tinha desaparecido... nenhuma vermelhidão... nenhuma marca de picada. Levei alguns minutos olhando para minha imagem refletida no espelho e imaginando que até hoje mulheres bonitas e inteligentes assustam, a ponto de negarem que tais atributos existem em uma mesma pessoa.

Pisquei. Como é bom não sentir dor nem dormência. Peguei minha mochila e vi o chaveiro que Ana tinha me dado. Peguei a correntinha que tinha dado a ela, que carrego comigo desde o dia em que me entregaram no hospital, e a coloquei no pescoço... precisava dela comigo, era a nossa última chance. Vesti um jeans e uma camisa preta para ser menos visível a noite, coloquei água, biscoito, lanterna e o tecido na mochila e me encaminhei em direção ao templo de Asclépio, que ficava na base da Acrópole e pertinho do hotel.

A noite estava muito agradável, mas parecia estar sendo seguida pelos olhos de Atená. Meu pé formigava intensamente. Se pudesse tiraria o tênis para coçá-lo, mas sabia que isso indicava que devia ter muita atenção, todas as luzes do meu corpo estavam no amarelo. Muitos casais namoravam perto das ruínas, por isso passaria sem chamar a atenção... havia uma pequena mureta e algumas colunas restantes do santuário, agachei-me atrás da coluna... comecei a cavar, mas estava muito duro o chão. Catei uma pedra pontiaguda, deitei encostada ao chão e comecei a cavar, não precisava ser muito fundo, bastava ser o suficiente para cobrir o pano. Consegui... enterrei o tecido e muito emocionada clamei a Asclépio:

— Divino Asclépio, tu que inspiras os médicos a curar todas as doenças, tu que atendes a todos os enfermos, que trazes alívio a todas as dores, auxilia-me a encontrar a cura para Ana. Peço humildemente que atenda a minha solicitação: que o tecido que carregou a cabeça de Medusa tenha sua força ampliada e que o teu

poder curativo se entrelace ao tecido e ao que sobrou do sangue dela e liberte Ana da maldição de uma prisão em forma de ágalma.

Maria chorava muito, acabou sendo ouvida por um jovem que passava...

— Olá, você está bem?

Maria levantou-se e disse ao jovem que tinha ido tirar uma foto e tinha torcido o pé, mas que já estava bem. O rapaz acenou com a cabeça e foi embora... Como tinha que esperar três horas, saiu do templo para disfarçar. Bem perto, tinha um vendedor de sorvete. Sentou-se em um banco e tomou lentamente o sorvete, ao seu lado sentou-se um senhor também tomando um sorvete. Sem olhar para Maria começou a falar:

— Ah, Maria, nem tudo se resolve com um rostinho bonito e algumas lágrimas. O que há de mais valioso para uma mulher na antiguidade? É isso que Asclépio quer como sacrifício... eu o convenci. Se você não cumprir essa última parte do sacrifício, nada de tecido novo, nada de Ana viva... com Hefesto me entendo depois. Ah, eu entro nos sonhos que quero e... já passou uma hora.

Maria olha para o lado e o rosto do senhor se transforma no de Atená. Ela se mostrava cada vez pior, mas o que era valioso para a mulher na antiguidade. Peguei rapidamente o celular, larguei o restante do sorvete e comecei a pesquisar... uma voz gritou na minha mente: VIRGINDADE.

Minha vó tinha me prevenido que, embora já não se desse tanta importância a algo tão efêmero quanto uma parte mínima do meu corpo, eu precisava guardá-la muito bem, pois em momento oportuno minha vida dependeria dela. Isso criou um bloqueio sexual em mim, nunca passei das preliminares e perdi, por conta disso, muitos parceiros interessantes, pelo menos pensei que eram naquela época. Como iria perder a virgindade em forma de sacrifício? Leiloar o hímen na internet ou em uma esquina de Atenas? Não era algo tão fácil como parecia... nada é tão fácil quando está relacionado aos deuses.

Meus pés começaram a doer muito, sentei no meio-fio, tirei o sapato e minhas cobrinhas de estimação estavam fazendo salto

triplo no meu pé esquerdo. Uma pessoa me tocou o ombro... parecia com a feiticeira. Perguntou-me se podia sentar ao meu lado e balancei a cabeça concordando.

— Maria você faria qualquer coisa por Ana?

— Qualquer coisa!

— Pegue na sua mochila o chaveiro que ela lhe deu. Linda a miniatura de prata! Aperte o fundo dela...

Maria apertou e viu que havia um canivete embutido.

— Atená tentou em Delfos — continuou a feiticeira — com Iorgos, matar sua serpente. Sim, ao romper o hímen, ao sangrar, você matará uma de suas serpentes. A lança do Iorgos ao penetrá-la minimizaria seu poder, que você ainda nem sabe usar direito... esse era e é o plano de Atená. Ela acredita que você encontrará alguém disposto a transar ao ar livre sob o luar (risos), parece até romântico... perder a virgindade no templo de Asclépio...

Ela começou a rir e fui contagiada, rimos do que parecia o roteiro de um filme barato e de mau gosto.

— Contudo, ela não imagina que há uma outra forma. Quando você é penetrada, divide sua essência com o outro. Quando você se penetra, a essência fica em você.

— Não entendi. O que devo fazer?

— Use o canivete menina. Mas não para se cortar em qualquer lugar... tire o seu hímen. Sangre por Ana, sem precisar perder sua essência... Falta meia hora.

Maria olha para o relógio, para o canivete e ao buscar a feiticeira não a encontra mais. Caminha apressadamente para o templo, deita no chão e rasga com o canivete a calça entre as pernas, puxa a calcinha para o lado, se toca... ainda está sensível por conta do ocorrido em Delfos... seu toque é quase prazeroso... se continuasse se tocando... mas encontra o local exato e com a outra mão enfia o canivete... a dor foi tão intensa quanto o grito que deu, cachorros de todas as partes latiram, como se Hécate acabasse de passar em seu carro para disfarçar a intensidade de sua dor. O sangue jorrou em suas mãos, pernas... terra. Tudo era ctônico... estava feito.

Maria pegou o celular, viu a hora e escavou novamente o chão, os batimentos acelerados agora pulsavam não só em seu peito... secou a mão suja de sangue na calça para não manchar o tecido, retirou-o com muito cuidado e lá estava ele, branco como a neve. Hefesto não tinha mentido... o sacrifício foi aceito.

Maria colocou o tecido na mochila e pegou um casaquinho para amarrar na cintura e disfarçar as marcas do sangue. Guardou o canivete, pôs a mochila nas costas e, ainda com muita dor, se dirigiu para o hotel... esperou não ter ninguém, além do recepcionista, e pediu a chave do quarto. O recepcionista ao ver suas mãos sujas perguntou se estava tudo bem, ela balançou a cabeça e disse que tinha caído, precisava de um banho urgente.

— Ok. Qualquer coisa que precise, ligue para a recepção. Estamos aqui para ajudá-la.

Textos decorados, mas que na hora da aflição aquecem a alma.

Tomei um banho quente e doía tanto que parecia que estava me cortando novamente. Lavei bastante, e fiquei alguns minutos só deixando a água cair sobre minha cabeça, como se pudesse levar todo o fardo dos últimos dias. Sai, sequei-me, coloquei uma pomada... a vontade que tinha era pôr o tecido no local, mas não podia arriscar “gastar” o poder antes de usá-lo com Ana.

Finalmente podia ligar para o Miguel, contar-lhe que estaria voltando amanhã, perguntar-lhe como está tudo, mas só iria contar-lhe a verdade sobre Ana depois que conseguisse trazê-la de volta. Não queria ser chamada de louca... se me contassem algo similar ao que estava vivendo, também não acreditaria.

— Alô, Maria! Graças a Deus! Pensei que você também tinha morrido.

— Oi, Miguel! Desculpe-me! Estava resolvendo algumas coisas urgentes, mas volto amanhã. Assim que chegar ao Rio, aviso.

— Que horas você chega, quer que te pegue em algum lugar?

— Não precisa, Miguel. Quando eu chegar, aviso...

— Ok, então.

— E a estátua de Ana?

— Está onde você a deixou. O Ateliê físico está trancado. As meninas acharam melhor trabalhar só on-line, atendem pelo site. Ficaram com medo de mexer em algo que não deviam.

— Melhor assim... então... até amanhã, Miguel. Só queria avisar do meu retorno.

— Ok. Até breve, Maria!

A lembrança de Ana aprisionada naquela estátua-túmulo me levou às lágrimas, será que ela podia ouvir? Será que enlouqueceu ficando presa por quase três anos naquele caixão? Ou será que, como os pacientes em coma profundo, não sentia nada? Tudo minha culpa, culpa da minha maldição.

Ainda permanecia a ideia de que alguma coisa estava errada. Precisava ter um plano B. Revisei em minha mente tudo o que Hefesto me disse sobre minha antepassada. Queria tanto ter acesso ao peitoral de ouro de Atená... por que será que nunca se ouviu falar de joias milagrosas, nem que esse peitoral dava poderes para aqueles que o possuísem, como o velocino de ouro ou a arca da aliança? Na verdade, a incerteza me incomodava, não sabia exatamente o que fazer ao encontrar com Ana. Não parecia ser algo tão simples como jogar um tecido sobre seu corpo e, em um passe de mágica, ela voltaria à vida. Faltava alguma informação... algum detalhe que deixei escapar... senti meu telefone vibrar, era Miguel de novo, só que dessa vez enviou-me uma mensagem:

— Vim até o ateliê para ver se estava tudo bem: a estátua está esfarelado.

Senti as pernas e as mãos trêmulas, mas também nos últimos dias não me alimentei direito, nem dormi como devia, só tomando antibiótico... e sendo consumida pela ansiedade. Mas não podia permanecer assim, pois se algo acontecesse comigo, nem eu nem Ana. Respirei e respondi ao Miguel:

— Não mexa em nada. Deixe-a onde estiver. Como já disse, chego amanhã e explicarei tudo.

Precisava comer, ia pedir algo no quarto, mas resolvi descer, pois era meu último dia em Atenas e não sabia se retornaria algum dia, quem sabe novamente com Ana. Será que ela me perdoaria?

Será que eu me perdoo? Sentei-me em um bar, pedi uma taramosalada com pão pita e uma taça de vinho... em honra a Dioniso, ao deus, ao meu gato, à Grécia... queria ser Ariadne e ser salva, mas minha vida estava repleta de monstros, muitos Teseus e Minotauros disfarçados com uma hipócrita máscara de bondade... pensamentos ruminavam em minha mente embalados por bouzoukis, aos poucos comecei a relaxar e lembrar como a vida é tão indecifrável, inconstante e maravilhosamente fascinante. Mas, apesar de tanto desenvolvimento, nós mulheres ainda temos que desenvolver o poder de Fênix, renascendo diariamente, quando, por exemplo, precisamos fingir que não vemos os homens cochichando ao ver uma mulher jovem sentada sozinha em algum lugar... tive vontade de olhá-los profundamente nos olhos... sorri sozinha... pela primeira vez ri da minha maldição... deve ser efeito do cansaço associado ao excelente vinho helênico.

Aos poucos a música foi me lembrando o coro das cigarras que entoavam mantras em Delfos e o ritmo me causou uma espécie de transe, comecei a ter visões: vi Atená às gargalhadas ao me encarar e me chamar de tola; vi Hefesto balançando negativamente a cabeça sem conseguir me olhar nos olhos; vi a feiticeira se aproximar e oferecer-me uma serpente... ao tocá-la, percebi que minhas unhas caíam, assim como meus dentes e cabelos, meus poros se abriam como se fossem escamas... quando alguém me tocou no ombro, convidando-me para dançar, comecei a olhar assustada para minhas mãos e percebi que tudo não passou de um delírio. Balancei negativamente a cabeça para a pessoa que me convidou, em seguida pedi a conta, paguei e me dirigi para o hotel, mas ainda meio que hipnotizada e cambaleando parei para ver a Acrópole iluminada por luzes artificiais e pelo resplendor de Selene com seu manto de constelações. Era linda... mas aos poucos sua beleza fica maculada ao me lembrar do que Atená fez à minha família e a mim. Apressei os passos... chegando ao quarto, ainda atordoada... terminei de arrumar as coisas, ia partir pela manhã. Queria chegar ao Rio à noite para ir direto ao Ateliê, sem encontrar com ninguém.

Fui tomar um banho antes de dormir e tentar amenizar a dor com água morna. Ainda havia um pequeno vestígio de sangue e latejava bastante como se o meu coração se deslocasse do peito e se alojasse em minha vagina. Sequei-me e fui para cama, sem roupas, sem planos, consumida pelo pavor dos covardes que estão prestes a largar suas armas e se jogar junto aos corpos sem vida... fui invadida pelo choro dos fracassados e até ser tomada pelo sono, tive pena de mim mesma.

Os sonhos sempre me direcionavam, porque minha vó, além de os interpretar, ensinou-me seus métodos, entretanto os sonhos atuais eram tão óbvios que não precisavam mais de adivinhos, nem os meus, nem os dos outros. Mas tudo estava diferente... nos últimos dias tinha sido alertada e enganada através dos sonhos e agora iniciava o que acreditava ser meu último sonho em solo helênico:

— Não é sonho, Maria. Abra seus olhos, alguém quer lhe ver.

Abri os olhos e vi minha vó acompanhada de duas mulheres que não reconheci, embora tivesse uma sensação boa ao encontrar com seus olhos. Corri em direção da minha vó, abracei-lhe e chorei muito... que saudades do cheiro de flor do seu cabelo, do conforto do seu abraço e da calma que sentia ao ouvir seu coração.

— Vó, aconteceu tanta coisa... estou voltando para tentar resgatar a Ana. Estou com medo. Não sei se conseguirei sobreviver ao fracasso, pois perdê-la novamente é assustador. Já não tenho você comigo e...

— Calma, minha menina. Tudo acontece no momento certo. O tempo é algo que nos aprisiona, mas existe um outro tempo além desse que você conhece. Quero que você reencontre com essas pessoas aqui.

— Quem são? Parecem conhecidas.

Vovó sorriu, vovó sempre sorria. Sua alegria tomava todo o espaço quando estava presente. Sua energia era algo tão contagiante que quando estava triste chovia. Então ela corria para o quintal e se deixava abraçar pela chuva, e sorria...

— Maria essas mulheres são sua mãe e Medusa. Venha abraçá-las.

Não podia explicar como aquele encontro estava mexendo comigo. Só chorava nervosamente... não conseguia falar nada, mas as duas começaram a me tocar suavemente, cada uma em um braço, cada uma em um lado do meu corpo. Fui acalmando lentamente e me sentindo aquecida com o toque delas. Mas, de repente, comecei a ficar agitada, o coração batendo mais forte, um tremor intenso me invadindo... as cobras no meu pé agitavam-se como nunca. As duas se afastaram um pouco, olhei para minha vó e só ouvi ela dizer que era para eu deixar fluir, “panta rhei”, repetiu, tudo fluiu...

Senti algo quente jorrar por minhas pernas... estava sangrando.

— Vó, me ajude, por favor.

Ela só sorria e repetia deixe fluir.

Dobrei os joelhos de dor, deitei-me no chão, passei a não enxergar nada e, de repente, tudo ficou quieto, toda dor cessou. Continuei deitada, aguardando, mas nada estava acontecendo. Tentei forçar a visão, mas nada. Chamei pela minha vó, pela minha mãe, por Medusa, mas nada... Restou-me ficar quieta e pensar: é só um sonho.

— Só um sonho... — murmurei ao abrir os olhos.

Levantei-me com muita saudade, abri minha mala e fui catando as minhas lembranças. Sempre levava comigo um pedacinho de quem era importante para mim: o brinco da minha mãe, o lenço da minha vó, o cordão de Ana, o primeiro pingente da coleira de Dioniso, a pulseira de contas feita pelas minhas amigas de escola — nunca me desfiz dela... tinha uma caixa de pedacinhos de memória guardados em minha casa. Um dia faria uma obra de arte com elas, mas naquele momento precisava de aconchego e fiz uma espécie de círculo com as que tinha ali e para me sentir abraçada, deitei-me entre delas, como se fosse um útero gestando a mim mesma, resgatando minha energia. Só o amor regenera...

Fiquei quietinha por alguns segundos. Fechei os olhos emaranhada em lembranças e Dioniso apareceu em meu quarto... não estava sonhando... não era o meu gato... era o próprio Deus.

— Maria, sempre estivemos com você, como os mimos que você guardou. Hoje estou aqui porque você precisa ir a um lugar antes de ir embora. A vida de Ana depende disso. Levante-se, não temos tempo para perguntas, precisamos agir antes do sol nascer e você partir.

Não perguntei nada, sentia-me, talvez como Ariadne ao ser abandonada em Naxos: frágil e resgatada por Dioniso. Ele mudou de forma em minha frente, parecia um jovem grego... abraçou-me pela cintura e conduziu-me, como em uma dança. Paramos de caminhar e o olhei nos olhos, ele desviou o olhar. Senti um desejo intenso de abraçá-lo... mas ele me apontou uma igreja, entramos na igreja de São Dionísio e, então, ele me disse:

— Tudo flui, Maria... tudo se transforma, tudo se adequa em nome da restauração da vida, da felicidade, do reencontro. Você me entende, Maria?

Balancei a cabeça negativamente.

— Olhe ao seu redor. O dourado das pinturas, tem um pouco de Medusa... o velocino também era dourado... o peitoral de Atená é dourado... o recipiente da água também é dourado. Tudo flui. Tudo está interligado. Ela está em tudo... aqui e no Brasil. Pegue o tecido, o colar de ouro de Ana... sim, sempre estive com você... e essa água. Leve os três elementos e invoque a tríade que estive sempre com você. Juntas trarão Ana de volta, juntas serão invencíveis. Lembre-se que também sempre estive com você e sempre a acalmei com o meu olhar.

Lembrei de como meu gato sempre pulava em meu colo quando estava nervosa, mas não se deitava, ronronava alto e me olhava profundamente. Isso sempre me acalmava, sempre foi Dioniso.

Retirei da bolsa uma garrafinha de água, bebi o líquido restante e enchi com a água, aparentemente benta, que Dioniso indicou. Virei para perguntar-lhe o que devia fazer exatamente e ele já não estava lá. Estava guardando a garrafa quando um padre ortodoxo se aproximou:

— Não está muito tarde para estar na rua, mocinha? Precisa de alguma coisa urgente de São Dionísio?

Desabei a chorar, mas o padre começou a rir, a gargalhar muito alto e, então, transformou-se em Atená.

— Achou que realmente o Olimpo ia te ajudar, Maria? Esqueceu quem eu sou? Esqueceu o que fiz com Medusa? E você não chega aos pés dela... Acabou. Volte para casa e recomece sua vida com os cacos de Ana, literalmente. Gargalhando ela desapareceu. E eu desperto com o som do despertador em meu quarto. Pensei que tivesse sido um dos meus inúmeros pesadelos... olhei na bolsa e lá estava a garrafa cheia com um santinho de São Dionísio. Não lembrava como tinha voltado, nem o que tinha acontecido depois da aparição de Atená. Não tinha tempo também para isso, tinha que pegar um voo. Fui tomar uma ducha e, quando me levantei, senti uma dor muito intensa na minha vagina... o sangue escorreu pelas minhas pernas, um sangue vivo, um fluxo intenso... fui ao banheiro e entrei no chuveiro, tomei meu banho e pensei que tinha menstruado, mas, da mesma maneira que veio, cessou, como no encontro com minha vó, minha mãe e Medusa. Sequei-me e nem uma gota de sangue. O que aquilo significava? Mais um sinal? De qualquer maneira, coloquei um absorvente para evitar problemas durante a viagem.

Estava muito ansiosa, precisava encontrar Ana, no máximo, em dois dias e tentar reverter sua situação. Não me sentia confortável, nem segura o suficiente. Não tinha encontrado o peitoral, mas um fragmento de tecido. Dioniso insinuou que o colar de Ana era uma parte do peitoral de ouro com a cabeça de Medusa... quantos pedaços protegem os pescoços das mulheres pelo mundo? Não quis arriscar e levar a parte que dei a Ana em meu pescoço. Guardei tudo na mala, um kit pela vida, e acabei de pegar minhas coisas para me dirigir ao aeroporto.

Dentro do táxi, comecei a pensar nos sangramentos e lembrei-me dos rótulos da menstruação e dos rituais de sangue. Será que o fato de sangrar seria mais um a tentativa de Atená de me tornar impura para fazer o ritual que traria Ana de volta... lembrei-me de

tantas mulheres que ficavam isoladas em seus sangramentos mensais e do quão libertário é não ter que se preocupar com isso. Lembrei-me também do ritual que Circe fez com Medeia para purificá-la do sangue de seu irmão, pois só o sangue pode purificar a mancha de um homicídio. Assim como Medeia, fui envolvida no assassinato de um parente, da minha irmã de alma, de Ana, mas diferente dela, sinto-me culpada. Quero Ana de volta, mesmo que isso signifique não mais existir, mesmo que signifique derramar até a última gota de meu sangue. Preciso ler mais sobre o assunto da purificação... espero comprar algum livro específico no aeroporto.

Entre na livraria e meus olhos pararam em uma edição de *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes. Já tinha ouvido minha amiga Dulci, especialista em Medeia, falar dele algumas vezes. Folheei as suas páginas quando me deparei com os seguintes versos: “todas as gotas do negro sangue da recém-cortada cabeça da Górgona que caíram no solo fizeram germinar a espécie daquela serpente” (IV:1516-1518). Parecia um sinal, pois minhas cobras no pé começaram a se mexer novamente. Senti também a dor que iniciava o sangramento... mas não conseguia decifrar o que tudo isso significava, parecia estar com os olhos vendados... a chamada para o voo me fez andar para o caixa e pagar o livro. Ainda precisava ir ao banheiro para trocar o absorvente antes de iniciar minha viagem de volta, com mais dúvidas que respostas.

Cheguei ao banheiro e estava encharcada. Enquanto trocava o absorvente, uma gota de sangue escorreu pelas minhas pernas e tocou no meu pé. Minhas cobras pulsavam como nunca, parecia que meu pé se rasgava em dois, a dor me consumia quando ouvi uma voz sussurrando... o seu sangue, o sangue do sacrifício que fez é o último elemento, seja rápida é a terceira vez... é a última oportunidade. Nem pensei, imediatamente peguei um frasco que levava com álcool, joguei o restante fora, lavei e o coloquei na vagina, fiz força, mas o sangramento independia disso. Consegui coletar um pouco, mas, assim como das outras vezes, parou da forma que começou. Não podia ficar pensando nisso senão perderia o voo e não podia deixar que Atená saísse vitoriosa nessa

batalha. Enrolei o frasco em uma toalhinha, troquei o absorvente e me dirigi para o avião.

Fiquei na cadeira 19, somando daria 10, número da perfeição, de ciclo fechado. Quanta coisa me aconteceu nessa viagem: quase fiquei cega, quase fui violentada, quase fui presa por invadir um templo... muitos “quase”. Encontrei Atená, Hefesto, Dioniso... minha família. Mas ainda não lembrava o que tinha acontecido depois da igreja, como tinha chegado ao hotel.

O voo era longo... acabei dormindo, estava exausta... e sonhando. Em meu sonho, voltei à infância, senti o cheiro de canela que tinha o cabelo de minha mãe, cabelos lisos, longos e negros como os meus, os da minha vó e os de Medusa. Lembrei de como me abraçava cantarolando; hoje sei que entoava feitiços de proteção... via tudo como se estivesse vendo um filme, como espectador de minha própria vida, mas um detalhe chamou-me a atenção: tanto minha mãe quanto minha vó tinham uma espécie de unguento que passavam em minha cabeça e pés. Nunca perguntei a minha vó o que aquilo significava, nem qual era a sua composição, mas sempre me sentia melhor depois que passava, mesmo após sua morte continuei com aquele ritual, até o unguento acabar. Não me lembrava de muita coisa além da sensação e do cheiro, mas, no sonho, minha mãe olhou na minha direção e falou:

— Você já é uma iniciada. Agora já sabe como fazê-lo e para que usá-lo. Junte alecrim, azeite e canela, não o pó, mas a casca da canela fresca, tudo fresco, tudo recolhido na primeira manhã de lua cheia. Amasse todos os ingredientes e use a quantidade necessária de azeite. Lembra-se da música que cantávamos enquanto fazíamos o unguento. Cante-a enquanto o prepara, ela é parte do ritual. Imediatamente comecei a balbuciar o refrão: *iao Sabaot Adonáis akrammachammarei...* mas fui acordada pela aeromoça servindo o lanche. Só então senti que, além de cansada, estava com fome... pena que era sempre a mesma coisa: suco de laranja e biscoito.

Algumas poucas horas me afastavam de Ana e de seu retorno.



## Capítulo VIII

Ninguém me esperando no aeroporto, ninguém me esperando em casa, ninguém... como se gritasse a Odisseu ao sair da ilha do Ciclope. Sentia-me, como ele, perfurada, inflamada por uma essência que não concebia como parte de mim, sedenta por vingança, por vitória, por reencontro.

Pareço um robô cronometrando segundos, catalogando espaços e possibilidades, mas não sou uma inteligência artificial criada sem sentimentos. Eu escolhi amar Ana, escolhi o amor ágape, como escolhi amar minha vó e a lembrança dos cabelos e braços da minha mãe. Minha memória é emocional, meu coração é meu condutor. Por isso, rapidamente peguei as malas e me dirigi para o meu ateliê. Por um momento esqueci de Atená e foquei em Ana.

Através da Janela via Selene, cheia e exuberante, como a estrela de Belém que conduzia os magos em direção ao Salvador, seria Ana meu salvador e eu estaria levando os presentes apropriados? De nada tinha certeza, mas não podia parar de tentar... meu coração doía no peito tamanha a tensão do reencontro. Busquei as chaves na bolsa, apertei-as entre os dedos até que comessem a doer... o motorista avisou que tínhamos chegado, parecia que estava entrando em um mundo novo, desconhecido... já não era mais a mesma pessoa, nem o ateliê, nem Ana... sabia que tudo seria diferente, muitas perguntas, tentativas de explicações, um tempo a ser resgatado, um tempo que não retornaria... entrei.

Lá estava Ana, no lugar em que Miguel falou, fria... calada... a espera. Não podia esperar mais, cerquei Ana com os meus objetos, coloquei sobre ela o tecido, derramei sobre sua cabeça o sangue que coletei, coloquei a mão sobre seu coração, fechei os olhos e entoiei o cântico que minha mãe e minha vó me ensinaram, as lembranças de Ana começaram a vir na minha cabeça, um sorriso surgiu em meu rosto e quando dei por mim estava cantando a nossa canção:

“viver e não ter a vergonha de ser feliz...” abri os olhos e encontrei os olhos de Ana, não conseguia parar de olhá-los. Perdi novamente a visão e os sentidos.

— Maria... Maria! Você está bem? Bebeu todas e resolveu dormir aqui? Acorda, menina.

Era a voz de Ana... seria um sonho? Sonho tem cheiro? Um cheiro de café fresco tomou conta de toda a sala. Uma dor muito forte nos olhos também me incomodou. Esfreguei os olhos, fui abrindo-os bem devagar e lá estava ela... cantarolando nossa música. Colocando o café nas xícaras e vindo na minha direção. Quando olhei para ela, reconheci nela um outro rosto... Atená! Olhei para o lado e a estátua não estava lá, só o pó!

— Funcionou, Maria! Olhe para mim, funcionou! Você conseguiu.

— Como assim, Ana! Você sabe o que ocorreu com você?

— Maria, seu nome traz a inicial de sua família e o meu da minha. Somos herdeiras do nosso destino. Tudo sempre foi um plano para que libertasse você das amarras de uma maldição...

— Mas você passou três anos... o Miguel...

— Esqueça isso tudo... o que são três anos? Miguel está chegando. Liguei para ele, rs.

Ana estava radiante e eu confusa. Seria isso tudo um novo sonho, parecia tão real... Ana não parava de falar, eu já não escutava mais nada, só olhava para ela e ficava encantada com sua alegria, seu sorriso, seus abraços... que saudades estava de sua companhia e da vida que ela exalava... só saí desse transe quando a campainha tocou.

— Deixa que eu atendo! — disse Ana.

Era Miguel. Abraçou Ana, deu-lhe um beijo apaixonado e me olhou sussurrando “você conseguiu”!

Nesse momento um leve sorriso brotou do meu rosto. Tinha conseguido trazer Ana de volta... que alegria! Fiquei contemplando os dois juntos quando tudo pareceu ficar disforme, embaçado... imediatamente coloquei as mãos sobre os olhos com medo de petrificá-los. Como Miguel sabia? Não tinha contado nada para

ele... Fiquei assim por alguns segundos, tudo se fez silêncio, quando, de repente, senti uma mão quente tocar os meus ombros e, em seguida, ouvi a voz da feiticeira:

— Tire as mãos dos olhos, Maria! Não se esconda, você é o que é!

Abaixei lentamente as mãos, nem sinal de Ana e nem de Miguel... ainda estava tudo embaçado e a feiticeira era um vulto que se confundia com a imagem da minha vó, da minha mãe... o que estava acontecendo?

— Maria, você entendeu o que acabou de fazer? Você experimentou em Ana o morrer e o renascer... fez os seus sacrifícios, usando seu corpo como libação... feriu-se, sangrou, entrou em contato com diferentes divindades...

— Onde está Ana... o que está querendo me dizer? (Enquanto perguntava, Dioniso pulou em seu colo, ronronando e pedindo carinho). Dioniso! Você está bem! Que saudades de você seu danadinho... por favor, explique-me o que está acontecendo.

— Maria, você já entendeu quem é e o que pode fazer?

— Sim! Já aceitei que sou descendente de Medusa e por causa da maldição de Atená não posso descuidar senão transformarei quem amo em estátua. Que mais preciso entender?

— Que Ana e Atená são uma...

— Como assim? Minha melhor amiga é minha pior inimiga? Isso não faz sentido, se é que alguma coisa faz...

Nesse momento as cobras em seu pé começam a se agitar e os olhos a doerem. Ana aparece e começa a falar, mas a sua imagem e voz se transformam em Atená.

— Calma, Maria! O tempo é só um brinquedo nas mãos dos deuses. Sua vida humana é finita, moldada pelo tempo. A nossa, não. O fato de ser criada sem uma mãe me deixou fechada a algumas sensações, nem sempre tenho tato ao lidar com determinadas situações...

— Tato? Você amaldiçoou Medusa, fez com que fosse detestada, perseguida e morta pelos homens, e acha que isso é falta de tato?

— Eu salvei Medusa! — respondeu em tom ríspido. — Como salvei você, sua tola. Você não consegue enxergar? Se não tivesse chegado a tempo, você também teria caído na lábia de Poseidon, após o seu Dioniso ter feito um discurso de “nunca a abandonei”. Não havia saída para Medusa, ela se deixou penetrar por um Deus, mas consegui evitar que o mesmo ocorresse com você. Tente se lembrar, Maria...

Maria, então, começou a se lembrar que após Dioniso desaparecer e Atená surgir, um outro Deus Apareceu: forte, com uma voz sedutora, cercando-a, como se estivesse em uma forte correnteza de água benta. Poseidon disse em meu ouvido que a história é cíclica e que mais uma vez, em solo sagrado, repetiria o que o destino delineou. Caí aos seus pés e ele levantou-me. Nesse momento Atená surgiu e disse que duas vezes era demais para ela... levou-me para o hotel onde acordei sem lembrar de nada.

— Poseidon me estuprou e você veio se vingar? Só que agora não foi no seu templo...

— Dai-me paciência... Menina, faça uma forcinha e lembre-se da história toda... eu impedi Poseidon... o seu sangramento foi do ritual que fez, não de uma relação sexual. Você precisava vivenciar tudo o que experimentou para acreditar que o mundo dos deuses ainda existe. Só que seu ritual de passagem não foi todo aqui, neste lugar, mas no mundo onírico.

Maria, Medusa sempre esteve comigo. Protegendo a mim e aos gregos. O dom que lhe dei foi um pedido dela mesma. Não queria ser violada nunca mais. Sua morte foi uma libertação, um pedido especial. Dela nasceu o alado Pégasus... ela forjou um jovem herói, Perseu... criou a eterna proteção em meu peito e gerou a sua filha... que culminou em você. Minha mãe Metis, antes de ser “parte” de meu pai, concedeu uma parcela de seu dom, a inteligência, a algumas mulheres que trazem no seu nome a marca desse dom: Med-eia, Med-usa e tantas outras “Meds” que foram destruídas só por serem ameaças à soberania masculina. As descendentes mais novas trouxeram a marca do “M” em seu nome, como você... mas você já sabia disso.

— Não entendo, se queria me ajudar porque foi sempre tão hostil?

— Porque qualquer demonstração de afeto da minha parte faria com que os olhares se voltassem para você. Você percebe o quanto foi visitada por deuses que contaram histórias mirabolantes a meu respeito? Você percebe o quanto foi contaminada, assim como outras mulheres, ao longo da história, sobre a minha postura?

— Você está dizendo que tudo que pensei que fosse minha vida, não é... que vivi, ou vivo, em um mundo paralelo?

— Não. Você viveu sua história... tive ajuda de Perséfone para liberar os espíritos de sua mãe, avó e de Medusa para falarem com você naquele ritual. Ela não podia contar para Hades, seu marido, pois ele barganharia com essa informação...

É estranho ver Atená sorrir, pensou Maria. Ainda se sentia estranha e os olhos caminhavam pela sala em busca da presença de Ana.

— E Ana... existiu? Sabe de tudo isso? Qual o papel de Miguel nessa epopeia? Terei minha vida de volta?

— Muitas perguntas... Ana existe, precisei da ajuda de seu corpo e do amor que sentia por você. Ela não se lembrará de nada... você realmente a salvou... como não consegui salvar Medusa, nem de Poseidon, nem dela mesma. Poseidon é meu tio... sabia de toda agonia que envolvia meu peito quando precisava me posicionar contra o poderio masculino... por conta do meu nascimento, por conta do meu pai. Mas não conseguia me perdoar por ter sido eleita como protetora de Atenas... uma cidade enfeitada pela presença feminina, através das cariátides, pilares do Erecteion, das múltiplas representações de Koré, filha de Perséfone e do grande culto de Elêusis — sempre foi uma honra ter como aliadas Perséfone e Deméter...

Poseidon tinha uma grande mágoa contra Zeus, não foi de seu agrado ficar oculto entre as águas salgadas do mar, queria visibilidade e, por isso, tentou atingir a filha preferida de Zeus e sua principal rival... eu.

— Mas isso foi há muito tempo, Atená. Os deuses olímpicos nem são mais cultuados. O que tenho a ver com a história de vocês?

— Não dá para esconder a energia que emanamos, Maria. Em seu sangue corre toda a sua carga genética... a energia que emana de você seria suficiente para despertar os deuses do sono. Mas agora resolvemos parte de sua história... agora você sabe quem é e o que pode fazer... o problema é que os deuses também.

— O que quer dizer com isso? Que vou morrer por ser quem eu sou?

— Um dia, Maria... você é mortal. Não viverá para sempre, por isso precisa aproveitar o tempo que lhe resta. Precisa aprender a controlar seu dom e a usá-lo quando necessário. Seu dom é um fármaco para a humanidade... assim como a arte é um bálsamo para aliviar as dores da alma humana, seu dom é, na dose certa, um refrigerio...

— Refrigerio? Como transformar alguém em estátua pode aliviar a sua dor? Não sei qual de nós duas é mais maluca: você pelo que diz, ou eu que continuo a ouvi-la.

— Maria, tudo o que precisava para começar a se reconhecer foi feito. Agora precisará treinar... vou deixá-la na companhia de seus amigos e familiares... sim, será treinada em sonhos por sua família. Até estar pronta para caminhar sozinha. A feiticeira também estará com você, sempre que precisar... é só chamar por ela...

— Por qual nome devo chamá-la? Terei minha família de volta?

— Maria... escute-me! Preciso alertá-la de mais uma coisa... se você morrer, sem ter uma filha antes, toda a magia de Medusa desaparecerá... essa é uma decisão que também precisará tomar. Sua vó quis preservar a sua virgindade somente para que no momento certo você engravidasse... você consegue entender a dimensão de sua vida?

— Entender a dimensão da minha vida? A magia de Medusa? Sou uma amaldiçoada... preciso ter medo de olhar diretamente para as pessoas e bichinhos... não posso ter uma vida "normal... e ainda engravidar de uma menina que continue com essa maldição?

Você deve achar que sou uma humana idiota que aceitará tudo que uma deusa falar. Se enganou... ainda não sei o que vou fazer da minha vida, mas, com certeza, não terei um filho ou filha...

— Maria, o nome da feiticeira é Irene, paz em grego... sua família não voltará, a não ser em sonhos... autorizada por Perséfone. Como disse antes, ela sabe como convencer Hades a fazer tudo o que ela quer... as decisões são e serão sempre suas, mas existe algo além de nós mesmos, na existência atemporal de todas as coisas, que extrapola até mesmo o nosso entendimento... vocês chamam de destino, nós de Moira. Nem eu, nem Zeus, nem mesmo você, podemos entender a sua dimensão... agora preciso ir... ah, só mais uma coisa: cuidado com as facetas de Poseidon... ele ainda não desistiu de você!

Assim como ela surgiu, desapareceu... ainda estava tonta com tanta informação. Olhei para a sala... estava vazia... silenciosa... ainda não sabia se estava sonhando ou se estava acordada... senti um cheiro de chá delicioso que me fez levantar e ir em sua direção. Lá estava Irene... agora sabia seu nome.

— Maria, Ana e Miguel precisam esquecer... não queremos que eles vivam preocupados com você o tempo todo. Esse chá fará com que eles esqueçam de tudo... suas lembranças serão de três anos atrás... antes da viagem à Grécia... por isso não estranhe se Ana quiser programar a viagem. Você terá sua vida de volta... depois do chá sairei de cena... quando precisar de mim, é só chamar que virei. Convide também as pessoas que sabiam da história, as que fizeram parte da sua trajetória e ofereça essa bebida... elas também esquecerão do ocorrido. Tudo voltará ao normal...

— Irene, e depois? O que devo fazer? Estou completamente desorientada...

— Assim que se despedir de seus amigos, deve ir para casa dormir... e sonhar. Agora você sabe quem é! Não é isso que sempre quis? O resto se resolve com o tempo... Ana irá estranhar ter que provar que está viva, mas Miguel a ajudará. Tudo seguirá o seu fluxo... independentemente do que fizer.

Maria sacode os ombros quando a campainha toca... Ana e Miguel retornam, animadíssimos... Ana não parava de falar... Irene oferece o chá. Eles tomam... De repente tudo silenciou... era como se o tempo parasse e retrocedesse. Irene desaparecesse, como uma brisa, Ana pisca...

— Maria, o que o Dioniso está fazendo aqui? Ele não costuma sair do apartamento... Foi ao veterinário? Está doente? Nem sabia que estava com uma ajudante...ué, cadê a moça do chá? Tinha moça do chá? Vem cá, Dioniso...

— Levei ao veterinário, consulta de rotina. — Disse Maria — A moça é a Irene, uma conhecida... ela fez a gentileza de nos preparar um chá, mas já foi.

— Agradece à Irene, o chá estava uma delícia. Esqueci o que tínhamos programado para essa semana... vou dar uma olhada na agenda e depois vamos embora. Hoje vamos ao cinema... quer ir com a gente?

— Não, Ana! Vocês devem ter muita coisa para conversar...

— Sempre, Maria! Vem com a gente? Nem sabemos o que vamos ver ainda... estou achando você tristonha.

— Não, Ana! Preciso levar Dioniso para casa. Além disso, não se preocupe, não estou “tristonha”... estou com um pouco de alergia... coceira nos olhos. Tomara que não seja conjuntivite.

— Cuide dos seus olhos, Maria! São muito importantes para a profissão de vocês. — Disse Miguel.

Sorri para os dois. Ouvir suas vozes, olhar para eles, poder abraçá-los... era maravilhoso! Mesmo zozona com tantas informações, estava plena por ter conseguido trazer Ana de volta... ainda não tinha entendido o fato de Irene mencionar que Ana e Atená eram as mesmas pessoas. A essência de Atená estava nela, com seu comportamento belicoso e inteligência, ou seria o seu cuidado comigo sempre, ou as duas coisas? Confiava em Ana... amava Ana... mas Atená... Não sei nem se confio... mas precisava me desculpar... ela me auxiliou com Poseidon e tinha coerência a sua fala.

Depois de nos despedirmos, liguei para as pessoas que me auxiliaram na viagem. Marquei um chá em minha casa... essa parte já estava resolvida. Depois fui para casa... precisava da minha cama, das minhas lembranças, precisava falar com Ana tudo que vivi... por ela... por mim... mas ia parecer loucura. Meu corpo ainda doía, minha genitália ainda pulsava pelo corte quando a água quente do banho a tocava... será que podia usar o tecido agora em mim? Melhor não! Deito ainda molhada na cama... ligo o ventilador para o vento me secar... Dioniso pula sobre mim, nossos olhos se encontram... por um momento temi esse encontro, mas sentia que agora podia controlar o poder que saía dos meus olhos...

— Que decepção o seu xará, Dioniso! Abandonou-me nas garras de Poseidon. Mas você está aqui comigo... e com fome, rs. Vou colocar a sua comida e pedir algo para comer também.

Maria estava quase cochilando sentada, observando Dioniso comer quando o interfone toca... leva um susto, mas era só o entregador.

— Dona Maria... seu código por favor.

Quando o entregador olha para mim, minhas cobras sinalizam em meu pé o perigo... ele tinha me encontrado... Poseidon.

Respirei fundo, peguei minha encomenda e agradei. Olhei o rapaz bem fundo nos olhos e sua face mudou... já não era mais Poseidon. Tive a certeza de que de agora em diante seria assim, de que precisava me fortalecer para as batalhas que certamente viriam. Precisaré dos conselhos de minha família... preciso dormir e sonhar... e isso não ia demorar a acontecer, estava exausta.

A comida quase caiu de minha mão... estava dormindo ainda mastigando. Coloquei o prato de lado e me acomodei no sofá mesmo. Minha vó me esperava nos sonhos, para me abraçar e sentada em seu colo, como fazia ainda criança, aconselhou-me:

— Maria, você sabe que precisa continuar... sabe que não pode parar em você... sabe que ainda precisamos retomar a nossa história...

— Mas, vó, não quero ter um filho...

— Filha, Maria!

- E se for menino? Quem será o pai... nunca me apaixonei...
- Um deus. O pai será um deus!
- Um deus, só falta me dizer... não! Poseidon. Nunca!

Neste momento entra Medusa, não com a forma pela qual ficou conhecida, mas a de adolescente... linda, com seus cabelos negros... por um instante me vi refletida em um espelho atemporal. Ela me estende a mão e olhando-me profundamente nos olhos sussurra:

– Maria, não seja tola como eu fui, o meu impulso trouxe um fardo que até hoje você carrega. Agora temos uma chance de terminar com essa maldição e ensinar sobre o que é realmente importante, sobre o conhecimento que trazemos em nós. Neste momento, tudo depende de você...

Acordei com o som da voz de Medusa lembrando que deveria receber os meus amigos e fazê-los esquecer do que viveram comigo... assim não teriam questionamentos. Assim o fiz... na hora marcada eles chegaram, tomamos o chá com biscoito e depois, em um piscar de olhos, estávamos falando de parcerias para o ateliê, sem perguntas sobre a viagem ou sobre o passado. Mais uma tarefa cumprida antes da batalha... iniciaria mais uma fase do meu treinamento. Liguei para Ana, contei sobre nossas novas empreitadas e pedi que me substituísse por três dias... que ela não se preocupasse, pois não estava doente, precisava só resolver algumas pendências familiares. Ana não ficou satisfeita, mas concordou, desde que depois lhe contasse tudo, em detalhes... Essa era minha amiga Ana!

Durante três dias minha essência deixou o mundo real e no mundo dos sonhos fui orientada pela minha tríplice família. Aprendi... escutei... tentei me rebelar... aceitei. Agora entendia o que elas passaram para que eu estivesse aqui, nesse momento, e o que eu preciso passar para que nenhuma outra de nós vivencie a dor que outrora uma de nós passou... A campanha toca, acordo... o cheiro das fezes de Dioniso, associado ao do meu próprio suor me deram ânsia de vômito... corri para o banheiro... era Ana, ouvi

sua voz e a sua insistência... ela gritava e apertava a campainha. Lavei o rosto, amarrei os cabelos e fui atendê-la.

— Caramba! Vai me dizer que estava dormindo? Que cheiro é esse? Você matou quem?

Enquanto ela falava, rapidamente troquei a areia da caixa de Dioniso, a água e coloquei sua comida. Joguei um bom ar e abri as janelas... liguei a cafeteira e, só depois, respondi Ana, que não fechou a boca um minuto.

— Resolvi tudo, não se preocupe. Agora vamos trabalhar no que realmente importa, o ateliê.

— Por ora está bem. Amiga, preocupo-me com você... vim te pegar para irmos ao salão juntas... você está com uma aparência péssima, parece que voltou do mundo dos mortos, rs. Vamos, no caminho te conto a bagunça que está a minha vida.

— Sua casa?

— Como sabe? Alugaram para outra pessoa sem eu saber, ainda bem que Miguel me deixou ficar com ele... terei de fazer esse sacrifício, rs. Isso só porque passamos uns dias fora, eu acho. Algumas coisas estão desconstruídas, mas deixa para lá, vamos antecipar o casamento e pronto.

— Se quiser pode ficar comigo...

— Nem pensar, você fala dormindo... Estou brincando amiga! Obrigada, mas não precisa, já está tudo certo! Vamos?

— Preciso primeiro de um banho e um café. Prometo que serei rápida.

Enquanto tomava café e ouvia os planos de Ana, Maria lembrava tudo o que precisava fazer... era ótimo ter a amiga de volta, abraçá-la, ouvir sua voz... mas precisava estar pronta para o encontro com Poseidon...

Foram ao salão. Estavam radiantes... foram encontrar com Miguel e jantaram juntos... como se nada tivesse acontecido...

Maria voltou para casa e, em sonhos, continuou treinando... o sangue de uma era o sangue de todas...

Chegou o dia do casamento de Ana e Miguel. Dei de presente as alianças... mandei derreter o cordão de ouro que tinha dado a

Ana... assim estariam protegidos. Depois do cartório, fomos a um restaurante comemorar... Eles não quiseram festa... só comemorar com um grupo seletivo de amigos!

O restaurante era perto do mar... minhas cobras estavam inquietas e eu alerta. Ana iria viajar por dez dias em lua de mel e eu iria iniciar minha maior batalha... ciclos que se repetem até que se finalizem. Despedi-me dos amigos, tirei as sandálias e fui caminhar um pouco na areia da praia. Sentei-me um pouco na areia... adorava o cheiro do mar... um rapaz me pede para olhar seus pertences enquanto mergulhava... acenei que sim com a cabeça... mas, quando ele sai do mar, sua essência era outra... concentrei-me... era hora de por um fim nessa história.

— Obrigado! Me chamo André. Vim à cidade a trabalho e estou aproveitando a folga para conhecer um pouco da cidade.

Ele me estende a mão e eu aperto a dele. Controlo-me para que não perceba que sei quem de fato ele é... está tudo correndo como planejado.

— Muito prazer, sou a Maria! Seja bem-vindo à nossa cidade.

Medusa me avisou sobre as metamorfoses dos deuses. Conhecemos as de Zeus, mas todos os deuses fazem qualquer coisa para conseguir o que querem. Fui treinada para reconhecer Poseidon... independente do seu disfarce.

— Maria, conheço poucas pessoas no Rio... você gostaria de jantar comigo mais tarde. Você escolhe o local.

— Claro! Podemos nos encontrar por aqui mesmo. Caminhamos um pouco e depois decidimos o local para comermos algo. O Rio é lindo à noite... tem um colorido diferente.

— Fechado. Posso pegar o seu número?

Trocamos os telefones e nos despedimos. Se não fosse uma armadilha dos deuses, seria um encontro agradável. Mas precisava rever todos os passos. Sabia o que ia acontecer, Poseidon acha que estou fragilizada pelo casamento de Ana, que estou me sentindo sozinha, que não o reconheci... mas está muito enganado. Conhece muito pouco de mim e da fortaleza que me tornei... trilhar o

caminho para salvar Ana e treinar com minha família me fizeram forte o suficiente para não temer um deus.

Vesti-me como se fosse para o encontro da minha vida. Soltei os cabelos e fiquei parecida com Medusa, com minha mãe e com minha vó... como éramos parecidas. Mulheres que tiveram suas vidas cerceadas e suas vozes abafadas pelo poderio masculino... lá estava ele.

— Você está linda! Disse André beijando-me o rosto.

Sorri e saímos andando. André falava o tempo todo, mas em determinados momentos sentia o cheiro forte do mar, o cheiro de Poseidon... disfarçava para não demonstrar o meu nojo... acho que nunca mais conseguirei ver o mar da mesma maneira. André me convidou para caminhar perto do mar, muito previsível...

Acenei positivamente com a cabeça... começou...

Sentamos... a lua estava linda... André me abraçou e me deu um beijo... não podia olhá-lo, nos olhos. Ele me faz deitar na areia e revela sua natureza ao segurar os meus braços com força...

— Maria... eu disse que não conseguiria fugir de mim... aqui nem Atená conseguirá te ajudar... esse é o seu destino, Maria: ser minha! Não adianta lutar...

Medusa disse-me para fingir resistência... por isso, debati-me um pouco, mas logo fingi cansaço. Mantive-me de olhos fechados, com o rosto virado para o lado... esperando o momento certo. Ela disse-me que quando ele estivesse dentro de mim, enfraquecido pelo orgasmo, só neste momento devia encará-lo...

A dor do estupro é algo que transpassa a alma... somos sepultadas em vida, marcadas por uma existência. Precisei de muita concentração para não reagir, treinei muito para esse momento... estava prestes a conceber o filho de um deus... neste momento toda a trajetória no resgate de Ana volta à memória: quase fiquei cega, quase fui violentada, quase peguei uma infecção... viajei em sonhos... por Ana faria muito mais e, agora, faço pelas Medusas, Marias, Anas...

Poseidon tinha finalmente conseguido o que queria e quando balbuciou...

— Olhe para mim!

Ele segurou meus cabelos com força e puxou minha cabeça para traz. Enfim o estava encarando... olhei-o profundamente... entrei em sua mente... sondei seu espírito e petrifiquei qualquer lembrança que tivesse da minha existência, desse dia e de um provável futuro... não posso matar um deus... mas como sua descendente, seu sangue corre também em minhas veias... sim, Poseidon era meu pai, meu avô... meu perseguidor e de todas as descendentes de Medusa... só agora tinha entendido isso. Suas várias metamorfoses atemporais o fizeram viajar em busca das descendentes de Medusa... por pura vaidade. Seus olhos perderam a intensidade e o tom do mar... ele se foi e o corpo de André finalmente ficou livre.

Medusa me disse que só assim, conseguiria me livrar dele e de sua perseguição... a que preço. Agora carrego a sua semente. A semente de um deus nunca falha, mas agora o destino foi alterado... essa criança terá o direito de escolha, será ensinada sobre sua origem, sobre os possíveis dons que tiver...

— Desculpe-me, meu nome é André. Estou tonto... e confuso. Você pode me ajudar?

— Claro!

Levei-o até o seu hotel e despedi-me dele... sem olhar para traz.

Precisava de um banho, de um café e, principalmente, sonhar... precisava dar um abraço, um último abraço na minha família, pois não poderia encontrar com elas durante muito tempo. A licença de Perséfone estava terminando... agora já sabia usar meus dons, não colocaria mais ninguém em perigo... consegui eliminar a maldição e entender que meu dom era um poderoso instrumento.

Em meio aos pensamentos, caminhava lentamente pela rua... alguém me segura pela mão, é Irene... ela sorri para mim e pergunta se pode caminhar ao meu lado. Sorrio e balanço a cabeça que sim.

— Irene, eu consegui. Mas não fiz somente o que treinei... além de petrificar parte de sua memória, apagando qualquer lembrança sobre mim, petrifiquei a sua libido... castrei Poseidon!

Ouvi a gargalhada de Atená... ela também estava vingada. Também caminha ao meu lado e teria sua história recontada... porque hoje escolhemos e escrevemos as nossas próprias histórias! Não teremos mais medo dos sussurros atemporais, nem precisaremos silenciar as nossas almas. Aprendemos que juntas podemos mudar o futuro... Minha filha, Mariana, não terá mais medo... porque nascerá livre!



## Sobre a autora



Dulci do Nascimento Braga é professora associada do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisadora da influência da Antiguidade Clássica no teatro, na literatura e no cinema e iniciada no mundo mágico da arte das palavras.

Duas escultoras nascidas no mesmo dia e um evento aterrador. Mistérios que envolvem a Grécia mítica e seus deuses, eis a viagem para a qual Dulci Braga nos convida em seu novo livro, *Ágalma*.

Fê Lima

